

Revista da
Reitoria
da Universidade
de Coimbra

Número 30
Trimestral
Outubro
2010

www.uc.pt/rualarga
rualarga@ci.uc.pt



RUA LARGA



PROPRIEDADE Universidade de Coimbra
DIRECTOR Fernando Seabra Santos
DIRECTOR-ADJUNTO José António Bandeirinha
EDITORES Marta Poiares e Pedro Dias da Silva
DESIGN E EDIÇÃO DE IMAGEM António Barros
FOTOGRAFIA João Armando Ribeiro
INFOGRAFIA Sérgio Brito
[DIIC - Divisão de Identidade, Imagem e Comunicação]
PRODUÇÃO Lígia Ferreira e Luísa Lopes
COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA Ilídio Barbosa Pereira
EDIÇÃO DIIC - Divisão de Identidade, Imagem e Comunicação
Colégio S. Jerónimo, 2.º Piso, Apartado 3020 • 3001-401 Coimbra
IMPRESSÃO Opal - publicidade, S.A.
TIRAGEM 3.200 ex.
ISSN 1645-765x • Anotado no ICS
CAPA Elena Córdoba, *Todo lo que se mueve está vivo*
www.uc.pt/rualarga
Tel. 239 859 823
PONTOS DE VENDA
Loja UC e Artefólio/ Livraria de Bolso • TAGV

Editorial • Fernando Seabra Santos • 04

REITORIA EM MOVIMENTO

Em defesa dos Observatórios - Cristina Robalo Cordeiro • 07

OFICINA DOS SABERES

ACTUAL

The Portfolio Project: Uma forma diferente de pensar a fotografia - Susana Paiva • 10

Cítemor 2010: Sentir a diferença - Cláudia Galhós • 13

Os 130 anos do Orfeon Académico de Coimbra • 18

IMPRESSÕES

A Terceira Vida do Centro Cultural D. Dinis - Jorge Gouveia Monteiro • 20

Escola de Hotelaria e Turismo de Coimbra: a Cultura na Formação - José Luís Marques • 22

“SABEReseARTES” como Investigação - Berta Teixeira • 25

Prática deliberada e performance: invariantes no desporto, nas artes e na ciência - Manuel João Coelho e Silva • 27

Grupo Ecológico da AAC: Por uma Academia mais verde • 29

BREVES

Aluno da UC galardoado no maior evento mundial de computação gráfica • 31

LUME protagonizaram concerto da Abertura Solene das Aulas da UC • 31

Centenário da República na Universidade de Coimbra • 32

RIBALTA

Grupo de trabalho para estudantes com deficiência no Ensino Superior - Patrícia Araújo • 33

CIÊNCIA REFLECTIDA

Clube Robótica 2010 - Tiago Caldeira • 37

AO LARGO

ENTREVISTA

António Pedro Pita - Marta Poiares e Pedro Dias da Silva • 41

RETRATO DE CORPO INTEIRO

Beatriz Gomes - Marta Poiares • 47

CRÓNICA

Uma Galeria no planeta Book Covers - António Barros • 51

LUGAR DOS LIVROS

ESPAÇO DAS ESCOLAS

Residência II do Pólo II da Universidade de Coimbra - António Manuel Portovedo Lousa • 59

TEMAS

TEMA - ANO INTERNACIONAL DA BIODIVERSIDADE

A Biodiversidade: um compromisso global - Helena Freitas, António Gouveia, Sofia Costa • 65

O Ano Internacional da Biodiversidade no Museu da Ciência - Paulo Gama Mota • 69

Ações de Conservação na ZPE de Castro Verde - Rita Alcazar • 71

As pedras velhas

Fernando Seabra Santos *

Portugal é geralmente considerado um país atlântico. É o Oceano que explica o nosso destino, associando-o às rotas marítimas que nos conduziram, desde há seiscentos anos, ao Leste e ao Oeste, ao Sul e ao Norte, à Índia, à China, a África, à América e à Oceânia. Mas, mergulhando mais em detalhe na geografia e na história, na língua e no clima, no comércio e na cultura, dando atenção ao legado de Fenícios, de Cartagineses e de Romanos, e à profunda interacção com os povos do norte de África cujas heranças orgulhosamente transportamos nos recessos do nosso código genético, concluiremos que fazemos também, indiscutivelmente, parte da família mediterrânica, com a qual partilhamos o pão, o vinho, o azeite, o tom de pele, o cabelo escuro, bem como o fatalismo sulista, quase sempre equilibrado com o bom humor.

A verdade é que em todas as nossas escalas – genética, biológica, psicológica, social e cultural – dos nossos *genes* aos nossos *memes*, se replica esta mesma realidade: somos encruzilhada, somos encontro, somos partilha, somos diálogo. O nosso passado e o nosso futuro, a nossa própria existência e a nossa vocação, são a prova de que, ao contrário do que parece ser a evolução recente da moda europeia, o multiculturalismo não acabou. Desastrado seria não ter disso consciência e não o aproveitar para nosso bem e para bem dos outros. Como país e como Universidade.

Depois de organizar, em conjunto com a Comissão Nacional da UNESCO, o IGESPAR e o ICOMOS, o 1.º Encontro WHPO em Abril de 2006, a Universidade de Coimbra iniciou um processo de cooperação cultural internacional inovador na História portuguesa. A originalidade desta iniciativa reside no facto de, pela primeira vez, estarem a ser feitos esforços para juntar países com herança cultural de influência portuguesa, para discutir métodos efectivos de cooperação relacionados com o acesso e a gestão de património mundial, segundo os modelos propostos pela estratégia global da UNESCO.

O mais recente desenvolvimento deste projecto trouxe a Coimbra, entre os dias 23 e 26 do mês de Outubro, mais de trezentos representantes de bens patrimoniais de origem ou influência portuguesa, provenientes de

vinte e cinco países dos cinco continentes. Embora o fim imediato deste Segundo Encontro WHPO – *World Heritage of Portuguese Origin* – fosse o estreitamento de laços de colaboração cultural e científica e a criação da Rede WHPO, o fim último, a justificação ética do trabalho efectuado foi a promoção da concórdia e da amizade entre os países representados, a facilitação e a prática do “diálogo de civilizações”, dentro do espírito universitário e no quadro proposto pela UNESCO. Que melhor cenário poderíamos desejar para dar por terminado o trabalho de preparação do dossiê de candidatura da Universidade de Coimbra a património mundial e para o apresentarmos formalmente ao Governo português?

Como todos sabemos, a Universidade de Coimbra foi criada em finais do século XIII e faz, portanto, parte da primeira vaga de universidades. Na nossa, como nas outras, os professores, estudantes e funcionários compreendem a importância de preservar os testemunhos físicos remanescentes da nossa história e de o fazer de acordo com regras que, a cada momento, são consideradas as boas práticas. Alguns até se referem ao objecto das nossas preocupações, com a ternura de quem fala de família, como “pedras velhas”.

São, de facto, pedras velhas. Mas o que haverá a dizer sobre essas pedras velhas é que, algures na nossa história, de algum modo delas absorvemos as moléculas que ora fazem parte dos nossos corpos, se não fisicamente, pelo menos como componente fundamental do nosso património cultural. Essas pedras velhas do Paço das Escolas, antes Palácio onde os nossos reis elegeram domicílio, antes orgulhosa *al-kasar* islâmica, antes *domus* da romana *Aeminium*, bem como as pedras velhas de cada um dos sítios e monumentos representados pelos fundadores da Rede WHPO que connosco estiveram, são simultaneamente testemunhas de um pedaço comum do nosso passado e parte da nossa cultura, da nossa economia, das nossas vidas. Nós somos essas pedras velhas. E sobre essas pedras velhas a Universidade de Coimbra está a construir o seu futuro.

* Reitor da Universidade de Coimbra

Reitoria em Movimento



Em defesa dos Observatórios

Cristina Robalo Cordeiro *

Se olharmos as diversas definições da palavra *observatório* no Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências, no sentido que aqui lhe damos, tal realidade não existe. Os nossos lexicógrafos conhecem os observatórios astronómicos, os observatórios militares ou cinegéticos, edifícios ou lugares elevados dos quais se vigia o movimento dos astros, do inimigo ou da caça, mas não os observatórios no sentido figurado, isto é, grupos de pessoas encarregadas (ou que se encarregam a si próprias) de avaliar, por exemplo, o cumprimento de regras eleitorais ou o correcto funcionamento de uma instituição. E todavia, como as rotundas, estes “observatórios” multiplicaram-se nos últimos anos, prova da sua incontestável utilidade ou... efeito da moda sobre os espíritos.

Já não nos contentamos em observar serenamente, como no início, as estrelas: a economia e a própria justiça tornaram-se objectos de atenção constante por parte de testemunhas independentes e imparciais, munidas de instrumentos adequados, animadas de uma vontade de conhecimento objectivo.

Acresce que a própria palavra observatório, na nossa *era da suspeita*, se enche de sugestões kafkianas: quando o objecto observado é uma pessoa, a reificação do sujeito não está longe, e os fantasmas do universo do cárcere, como as *Prisões* de Piranesi, fazem-nos adivinhar em cada canto olhares sem rosto ou, imagem mais moderna, câmaras de vigilância colocadas em todos os corredores e escadarias por uma monstruosa administração. Não faz a tecnologia informativa crescer em proporções inumanas

este sentimento de aprisionamento vigiado cuja data Michel Foucault, em *Surveiller et Punir*, coloca na invenção dos primeiros asilos de alienados?

Seria urgente, por conseguinte, psicanalisar o conceito a fim de lhe restituir, senão a sua inocência primeira (libertando-o de todas as más intenções policiais que lhe são atribuídas), em todo o caso a sua regular e racional funcionalidade. Com efeito, o freudismo habituou-nos a considerar em cada um de nós a instância do superego, órgão psíquico de censura que atormenta o infeliz ego que se sente, em permanência, espiado e julgado por essa implacável consciência. Sem este controle, não seríamos nós tão livres como os habitantes do jardim do Éden? Mas uma vez consumido o fruto do conhecimento, é o olho de Deus que temos de interiorizar. E como é impossível voltar e esse estado anterior à “idade da razão”, temos de aceitar a salutar função de auto-vigilância de que a consciência científica é, segundo Freud, inseparável.

Em que medida então um observatório é assimilável ao superego normal (e não patogénico) de uma instituição ou de uma prática colectiva? Na própria medida em que o racionalismo que preside à actividade observadora é um racionalismo “dialogado” e não um decreto sem apelo de uma autoridade arbitrária. É precisamente a pluralidade de pontos de vista que faz do observatório algo de diferente de um tribunal de inquisição cego pelo dogma. Superego, sim, mas superego fraccionado e auto-vigiando-se a si próprio no desdobramento reflexivo próprio de qualquer saudável gnosiologia.

Assim, a experiência conduzida nos últimos dois anos pelo *Observatório de Bolonha* faz-me pensar que a palavra, apesar de tudo, merece melhor do que a fama que tem. Longe do espírito de qualquer comissão de inquérito, as nossas reuniões foram autênticos “lugares de partilha e de troca” onde a avaliação das diversas situações resultou não da quantificação mecânica dos dados coligidos mas, em definitivo, da discussão. O método que nos permitiu avançar, em lugar de imposto *a priori*, desenvolveu-se a partir da experiência. As informações vindas de toda a parte foram-se, por assim dizer, auto-rectificando e no vaivém das diferentes perspectivas a objectividade e o consenso foram sem dificuldade atingidos. Estes encontros regulares entre colegas representantes das oito faculdades esclareceram, de forma luminosa, aspectos menos conhecidos de uma realidade mais complexa do que se pode imaginar, ao mesmo tempo que trouxeram reconforto moral no decurso, por vezes deprimente ou desgastante, da rotina administrativa.

Modestamente e nem sempre nos dando conta disso, vivemos, durante estas sessões, a utopia da cidade científica ou do racionalismo aplicado. Uma tal realidade tão imaterial como a “qualidade pedagógica”, sobretudo quando a queremos apreender à escala de uma universidade, não aparece nem ao olho nu de um observador isolado nem em quadros estatísticos e curvas gráficas. Enquanto “qualidade”, escapa ao número e não se avalia senão dialecticamente, nos debates e nas negociações da colectividade professor/estudante. É por isso que aos “olhos” escrutinadores que a palavra observatório evoca, é preciso associar as “vozes” da contradição, sem as quais um testemunho isolado não será nunca um facto instrutivo. E quanto à melhoria da qualidade pedagógica, jamais decorrerá de “observações”, e ainda menos de censuras ou injunções, mas antes deste trabalho, ao mesmo tempo rigoroso e amigável, de correcção mútua de que este Observatório foi modelo.

* Vice-Reitora da Universidade de Coimbra.



The Portfolio Project

Uma forma diferente de pensar a fotografia

Susana Paiva *

Somos produto das aprendizagens e interações que estabelecemos ao longo da vida, das relações que cimentamos ou, tão importante quanto essas, daquelas de que abdicamos de forma a traçar o nosso próprio caminho criativo. À semelhança, os projectos que delineamos espelham parcialmente quem somos, a forma como nos edificamos e, consequentemente, a consciência que disso temos.

Após um percurso onde a minha prática da fotografia cruzou os campos das Artes Performativas e da Educação, surgiu o desejo de criar um projecto singular onde a reflexão sobre a imagem e a sua prática fossem o cerne. Um projecto onde ao criador da imagem coubesse também o papel central da reflexão e, em consequência disso, o desenvolvimento de capacidades comunicacionais que lhe permitisse dialogar com o público sobre a sua criação. O *The Portfolio Project* (TPP) é, assim, o herdeiro legítimo de 20 anos de vivência enquanto fotógrafa, com as Artes Performativas como sujeito privilegiado.

Nascido, como uma plataforma educacional, em Janeiro de 2009, o TPP foi delineado como um lugar de partilha de recursos e um espaço de experimentação sustentada, onde os seus membros pudessem desenvolver a fotografia sob a forma que desejassem. Nesse sentido, a plataforma sempre foi um agregador de gente com motivações e objectivos muito distintos na prática da fotografia.

Constituído inicialmente por fotógrafos, o TPP

rapidamente se alargou a um grupo de pessoas que, num sentido mais lato, se interessam pela imagem, entre as quais se encontram, hoje, editores fotográficos, investigadores na área das ciências sociais e da fotografia.

É desta multiplicidade e heterogeneidade de olhares e sensibilidades que o TPP retira a sua força e pertinência, constituindo-se como uma plataforma dinâmica onde diariamente se debate e reflecte sobre a imagem e sua prática.

Passado o primeiro ano de consolidação do projecto onde, para além do desenvolvimento de projectos individuais, se promoveu também uma série de projectos colectivos e acções de formação, o TPP entra agora numa fase onde proporciona aos seus membros a possibilidade de realizar residências artísticas em Coimbra e no Fundão, e ainda de colaborar em projectos institucionais em que os objectivos finais são a realização de exposições e edição de livros.

Longe de ser uma agência fotográfica, o TPP é uma estrutura que proporciona aos seus membros a oportunidade de construir um discurso artístico individual no domínio da fotografia, com a cumplicidade de uma estrutura que se esforça por produzir e divulgar os trabalhos em moldes que, de outra forma, se revelariam bastante mais difíceis de alcançar individualmente.

Actualmente, a melhor definição do TPP talvez seja a de “agente facilitador” – facilitador na obtenção

de apoios aos projectos individuais dos seus membros e na comunicação alargada desses mesmos trabalhos; facilitador de diálogos e sobretudo de uma nova e essencial forma de pensar hoje a fotografia. Estruturalmente, o TPP aglutina numa mesma plataforma três conceitos base – a de uma publicação online sobre fotografia, a de um espaço de formação contínua à distância, orientado por profissionais da fotografia, e a de um portal público onde os seus membros divulgam fotografias desenvolvidas no âmbito de projectos individuais ou colectivos.

Articulando dois interfaces absolutamente autónomos – um portal de acesso privado que veicula informação entre participantes e um site de acesso público (www.theportfolioproject.org) onde se publica o trabalho dos seus membros, o TPP constitui-se, indubitavelmente, como um espaço singular no panorama da fotografia.

O TPP funciona, assim, como um espaço de crescimento individual e de apoio online onde, fazendo recurso das comunicações via internet, os participantes recebem informações úteis para o desenvolvimento do seu trabalho fotográfico. Sendo um projecto onde a aprendizagem e acompanhamento se desenrolam sob a forma de tutorial, o TPP permite que cada participante defina a sua área de interesse e o seu próprio ritmo de trabalho, alcançando assim os objectivos individualmente propostos.

Para além de informação sistemática sobre eventos fotográficos, o projecto difunde através da sua newsletter obras de fotógrafos internacionais, constituindo-se ainda como um espaço comunicacional onde os aderentes podem ver as suas questões respondidas e os seus projectos orientados.

Dialogar a fotografia

Democratizada como prática de massas, em muito devido à acessibilidade e baixo custo de produção da imagem digital, a imagem fotográfica tem vindo progressivamente a ser esvaziada da sua intencionalidade, materializando-se inúmeras vezes num espectro que revela a total ausência

de pensamento crítico subjacente.

Rodeados por imagens que muitas vezes não sabem decodificar e convictos de que para uma prática séria da fotografia basta possuir um bom equipamento de captura fotográfica, muitos adeptos da fotografia têm dificuldade em construir um discurso artístico em torno da sua prática, perdendo-se inevitavelmente na imensidão de imagens que produzem. Conscientes disso, bem como da importância da submissão do trabalho fotográfico a um olhar externo avalizado, o TPP promove regularmente leituras de portfólios – nas quais cada participante usufrui de uma apreciação crítica construtiva do seu trabalho –, bem como acções comunicacionais onde cada fotógrafo tem possibilidade de expressão do seu discurso artístico individual. O melhor exemplo de eventos desta natureza foi a acção que teve lugar entre 24 de Junho e 4 de Julho no espaço “Round the Corner” no Teatro da Trindade, em Lisboa.

Mais do que uma exposição de fotografia, no sentido formal do termo, “Uma fotografia, um autor, duas chávenas e uma cafeteira eléctrica” – proposta que reuniu o TPP no espaço “Round the Corner” –, constituiu-se como um exercício informal sobre a comunicação da imagem, onde se testaram novas hipóteses de diálogo entre os autores e o seu público.

Protagonista de duas grandes revoluções – a da técnica e a da estética –, a fotografia encara agora o maior desafio da contemporaneidade: o da reinvenção dos modos e formas de difusão e comunicação da imagem.

Vítima da multiplicidade e profusão sem critério, que a crescente democratização do acesso aos equipamentos de produção e difusão electrónica proporciona, a omnipresente fotografia parece ter agudizado a distância entre quem a produz e quem a recebe. Foi precisamente esse espaço, essa distância, que este projecto ensaiou anular.

Assim, no espaço “Round the Corner”, 11 fotógrafos – em torno de uma chávena de chá –, olhos nos olhos com o seu público, recuperando a dimensão da interacção directa com este, criaram-se oportuni-

dades de ensaiar um novo capítulo na comunicação da imagem, mesmo ao virar da esquina do Teatro da Trindade.

Se no Teatro bebi os conceitos e métodos que hoje me auxiliam a definir o rumo do TPP, criando pontes entre a prática da fotografia e a dimensão performativa do papel de fotógrafo, não é estranho que tenha invocado, na inauguração da acção no “Round the Corner”, o conceito base que Almada Negreiros imprimiu ao seu texto “Antes de começar”. Questionando o escritor, no seu texto, a ausência da acção teatral antes do espectáculo começar, o mesmo fiz eu quando, na ausência de qualquer obra expositiva, afirmei que a exposição estaria já em curso.

Embora seja verdade que as paredes se encontravam vazias e que o público as esperava ver encher, para assim se dar início à acção, é também verdade que todos os ingredientes de uma inauguração se en-

contravam já disponíveis para fruição, pois estavam presentes os autores e neles encerradas as múltiplas possibilidades de ser fotógrafo nos dias que correm, matéria mais do que perfeita para uma exposição. Assim sendo, seria precipitado dizer que os convidados lá teriam ido em vão pois, onde uns certamente percepcionavam vazio, digo e repito que havia matéria de facto. A acção, essa, teria de ser o público a despoletar, interpelando os autores sobre as suas obras e a sua condição de fotógrafo. E desejando ver imagens, as tais que se esperam numa exposição convencional, teriam que regressar em qualquer um dos dez dias seguintes onde, naquele mesmo espaço, 11 autores diferentes os receberiam com generosidade, num espaço que se pretende e sempre pretenderá de permanente partilha.

* Coordenadora do *The Portfolio Project*, fotojornalista, fotógrafa documental e de artes performativas.



Citemor 2010

Sentir a diferença

Claudia Galhós *

A presença de um corpo insinua-se por entre o cenário de paredes em ruína. O que nelas nos toca é a profundidade do sentir que a memória desperta perante a figura humana. O tecto cobre-se de um céu de estrelas, e do voo rasante dos morcegos. Os corpos inclinados de dois homens são apanhados em suspenso no fluxo de um movimento da ordem do quotidiano. Instantes em que são desamparados pelo olhar e em que a matéria da carne se confunde com aparição, lançados num estado de estranhamento profundamente humano, desolado e comovente, perante o mapa de rugosidades e paisagens desmaiadas da experiência do viver que aquelas paredes emolduram.

Fernando Renjifo dirá mais tarde que vai ser difícil regressar a esta peça depois do impacto deste maravilhoso cenário natural da Sala B, em Montemor-o-Velho. O Festival Citemor tem destes momentos. É possível que estejamos até às duas da madrugada a ver algo que, para simplificar, chamaremos de Teatro. As melgas estão mais calmas em finais de Julho e inícios de Agosto de 2010. Mas a noite está fria.

Renjifo apresentou três peças, numa estreia no Citemor. A última, levemente aqui descrita, “Tempos como espaços” convocou palavras de autores como T.S. Eliot, Braudillard, Peter Handke e o escultor Juan Muñoz, que inspirou o temperamento de corpo suspenso daqueles dois homens comuns. Renjifo é um dos criadores espanhóis que têm passado pelo Festival de Montemor-o-Velho, que um dia se intitulou de Teatro. Este é o mais antigo

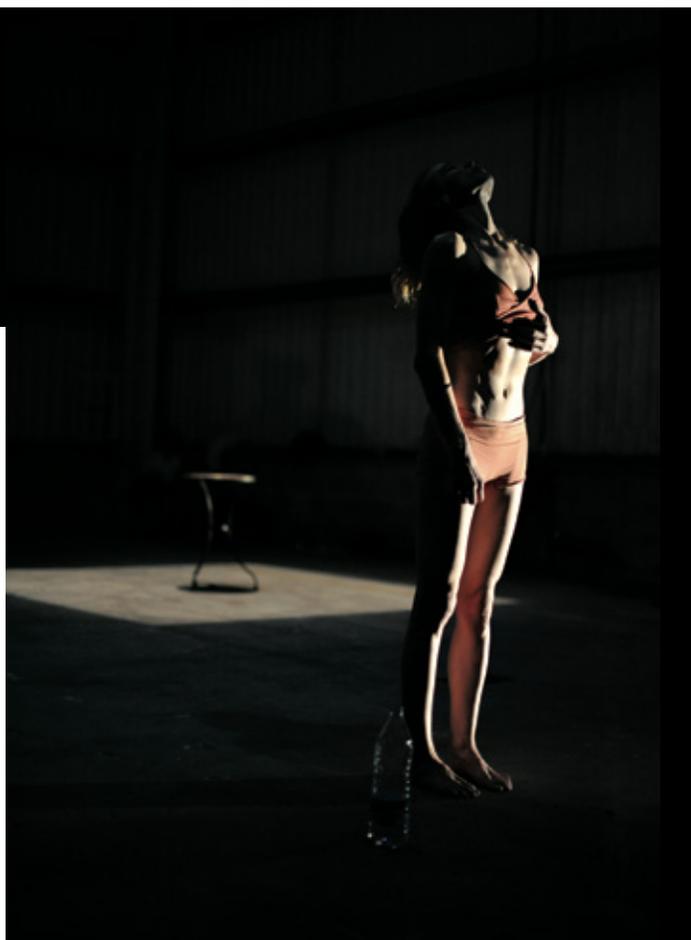
festival do género no país, organizado pelo Centro de Iniciação Teatral Esther de Carvalho (CITEC). Hoje, a identidade deste programa é muito mais complexa e extravasa a palavra Teatro. Nem sequer se resolve a questão desdobrando-a em outros géneros das artes de palco, como a música ou a dança. Esta complexidade coloca-o em sintonia com as tendências mais actuais das artes performativas, num estimulante exercício do pensar, do dizer e do fazer a partir da arte. À partida quase tudo está em aberto. E é ali, nas casas das pessoas de Montemor, alugadas pelo festival, que artistas em residência desenham os primeiros esboços das suas novas obras. Ali experimentam-se possibilidades autorais várias de actos criativos cénicos contemporâneos e instala-se um espaço privilegiado raro de liberdade que é da ordem do artístico, mas que transporta em si propostas de visão, interpelação ou crítica do mundo e do tempo em que vivemos. E a tendência é, cada vez mais, os criadores fazerem-nos escutar vozes que transportam ecos e ressonâncias de tempos e culturas diferentes, com uma forte dimensão política e poética, seja assumido ou implícito. Por isso, o presente ali vive-se no fluxo constante de troca onde a memória é convocada, lançando-nos para um lugar que reivindica o fim do esquecimento. “Quando se trata do esquecimento, todos os tempos são tempos do presente, dado que o passado neles se perde ou se reencontra e que o futuro apenas neles se esboça” (Marc Augé, *As Formas do Esquecimento*, Íman Editores, Almada, 2001, pág. 70).

Desde o início da década de 1990, o Festival tem afirmado a sua tendência mais contemporânea, reinvincando uma identidade que não copia nenhuma fórmula, mas antes se vai alimentando de uma rede de relações em que o artista surge como o elemento central da dinâmica criativa. Regra geral, a personalidade dos artistas é tão marcante como a do próprio Festival. O que pode resultar em casos que suscitam reacções de perplexidade por parte de públicos que os vêem como provocantes, transgressores, polémicos

ou excessivos. No entanto, o que está em causa é talvez a apetência por uma certa tendência artística onde o corpo surge como matéria, lugar ou objecto central do trabalho desenvolvido, mesmo que esta linha programática não esteja formulada. É para aqui que caminha a nova fase do Citemor, que arranca no início de 1990.

Definir o Citemor meramente como um Festival para os artistas é no entanto, um equívoco. Os artistas são veículo de pensamento, crítica e invenção do real. Propõem formas elaboradas e singulares

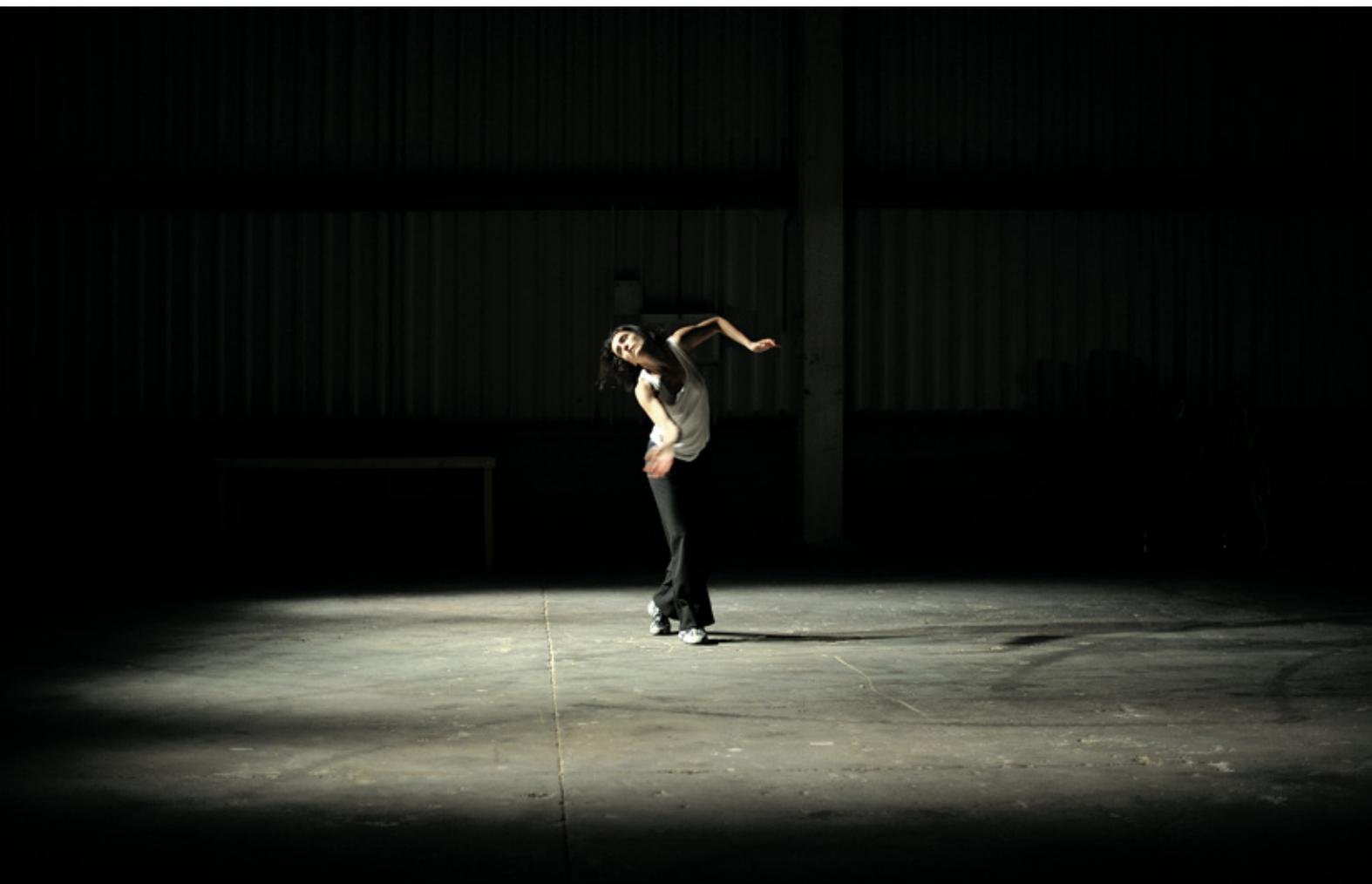
Elena Córdoba
Todo lo que se mueve está vivo
Expulsadas del paraíso



de acesso ao mundo, numa concepção de arte em que esta faz parte do mundo. Ali os artistas não criam gestos decorativos e vazios. Experimentam formas de dispersão da névoa que impede a clareza do olhar. Não são espectáculos criados para grandes multidões, que repetem fórmulas de eficácia criativa e, para isso, nem precisam de grande tempo para estar em residência, em que o primeiro movimento é o de se porem “os próprios artistas” em causa. São espectáculos onde o “bom” ou o “mau” não serve. São espectáculos que deixam

qualquer coisa em nós. Uma inquietação. Uma pergunta. Um deslumbramento. Uma descoberta. Uma rejeição...

Nos últimos anos, a relação particular com os artistas performativos de Espanha tem-se intensificado. Mas a par destes, estão lá representantes de diferentes gerações de artistas portugueses. Não sendo este um projecto de mercado do entretenimento, a lógica do acompanhamento de artistas surge como paralela a um desejo de resistir à superficialidade. Desde logo a superficialidade das relações. Não é



apenas o facto de estes poderem ali residir durante semanas para criar o seu novo e provisório mundo; mas significa que o mais certo é que uma vez apresentados lá, regressem. Voltam mais uma, duas ou três vezes, para que seja possível acompanhar a continuidade dos seus trabalhos.

Ali chegam artistas com linguagens que poderemos qualificar de radicais, no que diz respeito às formas de utilização do corpo, mas devemos fazê-lo com as reservas que nos merecem estes termos no quadro do início de um novo século que deixa atrás de si 100 anos de vanguardas, transgressões e rupturas, essas sim radicais. Foi por aquela porta que entraram em Portugal nomes então quase desconhecidos e que hoje são referência nos mais importantes circuitos internacionais: Rodrigo Garcia, Angelica Liddell ou Olga Mesa, por exemplo. Dos portugueses, já por lá passaram Jorge Silva Melo, O Bando, A Garagem, O Útero, João Garcia Miguel, Lúcia Sigalho ou Olga Roriz, entre muitos outros. Francisco Camacho é o nome que permanece em regular regresso numa continuidade que remonta aos primeiros anos. As últimas edições revelam novas relações. Surgem então artistas como o Colectivo 84 ou a Mala Voadora. Em 1992, o caso exemplar de Festival a seguir era o de Avignon. Mas os tempos hoje são outros. E a fórmula “Festival” vulgarizou-se, assim como os Carnavais portugueses à moda do Brasil e as Festas Medievais. Vulgarizaram-se os Festivais como se vulgarizou a vida artificial que se reproduz nos Centros Comerciais, com as suas fontes coloridas, palmeiras de plástico e peixes mecânicos. Uma cidade pode dar-se a conhecer a partir de um emblemático evento artístico, isso não mudou. Mas tem de fazer a diferença. E o Citemor tem o potencial de ser um Festival com esse impacto, basta olhar a cobertura mediática que tem. Mas não resulta importar uma fórmula. O emblematismo está na sua identidade singular. Na substancial importância que possibilita a todos os que com ele têm contacto: sentir a diferença.

* Jornalista e escritora, colaboradora
do blogue do Citemor
(www.citemor.blogspot.com)



Os 130 anos do Orfeon Académico de Coimbra

Orfeon Académico de Coimbra

“...nem mais nem menos: a apoteose continua coroada de flores e palmas num misto de enternecimento saudoso e solenidade empolgante...”

- in jornal “A União”, de 23 de Abril de 1960, sobre o Orfeon Académico de Coimbra.

O que o Orfeon Académico de Coimbra (OAC) é hoje são as notas cantadas no passado, limadas pelos Maestros que por ele passaram e suspensas por inúmeras gerações de jovens estudantes que, com o vibrar das suas vozes, foram marcando estes tão bons longos anos.

João Arroyo deu a entrada para a primeira nota. Foi a 29 de Outubro de 1880 e, tendo por mote a comemoração do tricentenário da morte de Luís de Camões, nasceu a Sociedade Choral do Orpheon Académico. A 7 de Dezembro do mesmo ano ouvia-se, ao vivo e pela primeira vez, aquilo que é hoje o OAC. Seguiram-se as mãos de António Joyce, Elias de Aguiar, Raposo Marques, Joel Canhão, Cândido Lima, Artur Carneiro, Virgílio Caseiro, Edgar Saramago, Artur Pinho, Paulo Bernardino e novamente Artur Pinho, que rege actualmente o Orfeon. Cada um, à sua maneira, marcou o Orfeon. A todos eles, o Orfeon estará sempre grato!

“**Cantando espalharei por toda a parte...**” (Luís Vaz de Camões)

Ao longo destes 130 anos, não foram apenas os Maestros que mudaram ou o nome que sofreu alterações. Inicialmente composto apenas por vozes masculinas, o OAC é, actualmente e desde 1974, um coro a quatro vozes mistas, acompanhando desta forma a comunida-

de académica em que se insere. Cantou um pouco por todo o país e, por diversas vezes, actuou além fronteiras, tendo-se já feito ouvir em vários países da Europa, África, América do Sul, América do Norte e Ásia. Em cada uma das actuações representou sempre e com enorme orgulho a sua Coimbra, a sua Universidade, a sua Academia e as suas tradições.

A primeira digressão do Orfeon foi em 1911, a Paris, França. Seguiram-se muitas outras, tendo sido a primeira digressão fora da Europa, a África em 1949, ao Brasil em 1954 e aos Estados Unidos da América em 1962, esta última com 35 cidades visitadas. Para além de muitos outros países visitados e revisitados, há a destacar a participação do OAC na Expo’98, a digressão ao Brasil em no mesmo ano, à Madeira em 1999, aos Açores 2001, à Suíça e Hungria em 2002, a França em 2005, a Espanha em 2009 e, mais recentemente, de novo aos Açores, em Agosto de 2010.

A nível artístico, o Orfeon tem executado grandes obras, sendo de destacar algumas realizadas nos últimos anos, como a ópera *Don Giovanni*, *Via Crucis* de Franz Liszt, *Gloria* de Vivaldi, o musical *Jesus Christ Superstar*, *Missa Brevis em Fá Maior* de Mozart e *Messias* de Handel.

Não se pode deixar de mencionar o importante papel que o Orfeon teve, e continua a ter, na interpretação da música popular Portuguesa, da Canção de Coimbra, de peças de compositores conimbricenses, além do facto de haver obras escritas especificamente para o mesmo.

Além da música coral, o OAC teve ainda uma Orquestra Ligeira, uma Escola de Jazz, um Grupo Comple-

mentar de Música Popular Portuguesa e um Grupo Complementar de Fado de Coimbra, este último ainda existente. Desde sempre possuiu cantores de inegável qualidade, integrantes dos grupos de Fado, que acompanharam o Organismo – seria impossível falar de Canção de Coimbra sem referir o Orfeon e o importante impacte que teve nessa canção tão própria.

Há cerca de dois anos, lançou-se em mais um arrojado projecto, criando uma “Escola de Canto” direccionada



Cortesia Orfeão Académico de Coimbra

não só para Orfeonistas, mas para toda a comunidade. A Escola de Canto do OAC tem a particularidade de, para além de oferecer formação em canto, promover actividades em vários campos relacionados com a voz, como música coral, técnica vocal, direcção coral, oratória, entre outros.

É inegável o importante papel que o OAC tem na formação dos seus membros e do seu meio envolvente, seja ela musical ou social. A organização de palestras, exposições, debates, cursos e workshops em diversas áreas, a colaboração com coros portugueses e estrangeiros, entre outros, fazem parte de um trabalho que tem vindo a ser desenvolvido ao longo destes anos e que eleva o OAC a algo mais do que um simples coro. O Orfeon é, sem dúvida, uma Escola de Vida!

Aqui fica também uma palavra a todos os Orfeonistas: primeiro, com saudade para todos os que já partiram, depois, erguendo com orgulho os copos e cantando o *AMEN* de Berlioz!

A história do Orfeon podia ser um romance, escrito de forma muito pessoal, por todos aqueles que por ele passaram. A verdade é que, em conjunto, todas as gerações de Orfeonistas conseguiram que, ao fim de 130 anos, o OAC se mantenha vivo e cada vez mais jovem. Venham muitos mais anos, é tempo de olhar o futuro!

130º Aniversário: 130 anos – 130 actividades

Tendo-se proposto a realizar 130 actividades, para assinalar os seus 130 anos de existência, o Orfeon, de 7 de Dezembro de 2009 a 7 de Dezembro de 2010, programou um ano repleto de novos projectos. O Concerto de Aniversário do OAC – abertura das Comemorações do 130º Aniversário, os Concertos *Messias* de Handel, a digressão a Braga e Vigo, o projecto “Orfeon Solidário”, o Curso de Técnica Vocal, pelo Professor Vianey da Cruz, o Curso de Direcção Coral, pelo Maestro Artur Pinho, a digressão aos Açores, a gravação e lançamento de um CD, o Jantar de Gala do 130º Aniversário, o lançamento do “Livro de Espectáculos”, o lançamento do Pin Comemorativo do 130º Aniversário e o Concerto de Encerramento das Comemorações do 130º Aniversário são apenas algumas das actividades certamente marcantes desta efeméride.

A Terceira Vida do Centro Cultural Dom Dinis

Jorge Gouveia Monteiro *

No passado dia 25 de Abril, o Centro Cultural Dom Dinis (CCDD) iniciou um processo de revitalização. Fê-lo da melhor maneira, com a inauguração de uma exposição de pintura, a assinatura de um acordo de cooperação com “O Teatrão – Companhia de Teatro para a Infância” e uma sala cheia de convidados, entre agentes culturais da cidade e pessoas interessadas e amigas.

É desse ainda curto percurso que procurarei aqui dar conta aos leitores da Rua Larga.

Não me espriarei muito sobre os antecedentes, a não ser na exacta medida dos que ajudem a perceber as razões dessa opção. Os Serviços de Acção Social da UC (SASUC) dispunham, nesta unidade, de uma valiosa equipa constituída pelos funcionários António José Rodrigues, Miguel Brás, José Martins, Teresa Silvério e Carla Silveira, e de um não menos valioso espaço composto de quatro amplas salas, respectivos mobiliário e equipamento. Equipa e espaço que reflectiam ainda intensamente a memória recente da diversão nocturna, mas também a insatisfação pela sua subutilização e o desejo de dar nova vida ao CCDD.

Feliz o administrador que encontra as coisas neste ponto, os recursos humanos e físicos expectantes e aptos a novas funções. O passo seguinte era encontrar mais alguém com experiência na dinamização cultural. E também aqui a fortuna nos bateu à porta: Rosa Marques dividia a sua agitada vida entre trabalho administrativo no Jardim de Infância dos SASUC e o desempenho como actriz, com longa experiência e muitos contactos no mundo da cultura. Sabendo da minha pesquisa, ela própria me contactou, aceitou o desafio e passámos à definição das prioridades e da programação.

Dois meses volvidos (escrevo a 12 de Julho e a primeira

quinzena de Maio foi de pausa devido à Queima das Fitas), alguns elementos é já possível avançar como consolidados, outros como interessantes pistas para o futuro próximo.

A Nova Vida do CCDD

1. A aposta prioritária nos jovens, não exclusivamente estudantes nem universitários. Apesar dos exames, têm sido a grande maioria dos participantes e tudo indica que assim continuará a ser. Por razões de disponibilidade e mobilidade, provavelmente também porque a difusão da informação lhes chega mais fácil e rapidamente. As grossas paredes do CCDD fazem dele um espaço fresco onde apetece estar, conversar, ler, ensaiar. Uma tendência a aprofundar e que nos tem sido sugerida será a da integração do Dom Dinis nos percursos normais de quem percorre a Alta de Coimbra, partindo da Praça da República, via Rua Padre António Vieira ou via Cerca dos Jesuítas, ou do Arco de Almedina, via Quebra Costas, Sé Velha. A ideia de rede de espaços, que se anunciam reciprocamente, porque todos têm a ganhar, e que implicará a divulgação conjunta, como circuito. E que exigirá também, a prazo, a remodelação de algum mobiliário, tornando o espaço mais acolhedor e cativante.

2. A grande disponibilidade para a cooperação por parte dos grupos e agentes culturais da cidade e da região. Por boas e más razões. Primeiro, as boas: a vontade efectiva que os grupos contactados têm manifestado em se exibirem no “novo” Centro Cultural, o apreço que mostram pelas características do espaço e pela iniciativa dos SASUC. Recomendo a leitura do quadro em anexo, porque me parece claramente ilustrativo do que é já hoje uma rede de amigos do CCDD, com vontade de continuar. Não se explica por liberalidades orçamentais, já que as limitações dos SASUC

pouco mais nos têm permitido pagar além das deslocações ou das refeições nos casos em que há acordos de âmbito mais vasto. Depois d'O Teatrão, constroem-se novos acordos de cooperação, com o Coro dos Pequenos Cantores de Coimbra, com o Jazz ao Centro Clube, com o Projecto Trampolim/Programa Escolhas e com a “Ócios e Ofícios”. Outros virão.

As más razões têm-nos sido relatadas por vários grupos e profissionais, que dão conta da retracção do mercado cultural e dos apoios governamentais, da cessação de contratos que tinham com municípios e outras entidades do Estado e de como esta triste realidade os força a procurar outros palcos para continuarem a trabalhar.

3. Os novos talentos e a sede de locais de apresentação e aprendizagem.

Na falta de uma Casa da Cultura de Coimbra que cumpra essa missão, quem se lança a fazer coisas novas – música, artes plásticas, dança, teatro, projectos mistos – precisa como do pão para a boca de locais onde ensaiar, mostrar, aprender com os que assistem. Tenho dito isso a propósito de outras colectividades de Coimbra, como o Ateneu, que com grande esforço tentam corresponder a essas solicitações. Assim está a suceder também no Dom Dinis. Estamos neste momento a estudar o lançamento para o último trimestre do ano de um concurso multidisciplinar que cumpra o duplo papel de estimular os novos criadores e fazer a triagem daqueles que acederão ao espaço do CCDD para aí ensaiarem e se exibirem.

4. Provavelmente, neste momento em que a Rua Larga chega aos seus olhos, algo de muito curioso está a acontecer no espaço envolvente do CCDD. Um grupo de artistas plásticos, daqueles que têm dado vida à nossa galeria de artes, está a produzir uma nova entrada, a partir do Largo Marquês de Pombal, transformando aquele estranho conjunto de rua, portões, tectos, canos, tubos e estruturas em algo mais do que um produto artístico: um acto de cultura ao vivo, à sua espera. Venha daí.

Destaques de programação até Dezembro

Em Outubro, a Companhia de Teatro – O Teatrão apresenta o espectáculo “Single Singers Bar”. No mês seguinte, teremos a presença do Grupo Marimbondo com o espectáculo “Chapô Clac” e a Companhia Camaleão apresentará o espectáculo “Poemas Cruzados”, com interpretação

de André Gago e Helena Faria. Em Dezembro, a mesma Companhia fará uma sessão de contos.

Em Dezembro, às quartas e sob o tema *CLEPSIDRA DO MUNDO*, o Projecto Trampolim estará presente no CCDD, com o Projecto “Percursos”.

Em Outubro e Novembro, às quintas e sob o tema *MÚSICA AOS VIVOS*, o Grupo de Fados Minerva e Grupo Gerações apresentam-se no CCDD.

As sextas continuarão a ser as noites de música Forró, animadas pelo grupo Forrocatú.

Já a galeria de arte receberá, em Outubro, obras dos pintores Eduardo Medeiros e Chichorro. Em Novembro, teremos patente a exposição do artista plástico Sambercromby. Por fim, em Dezembro, os jovens do Projecto Trampolim terão em exposição na galeria trabalhos seus.

* Administrador dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra

Artistas e grupos que se apresentaram no Centro Cultural D. Dinis entre 24 de Abril e 12 de Julho, por áreas de espectáculo:

Academia Marco Palma *Dança* • Alunos do Mestrado em Estudos Artísticos – FLUC *Cinema* • Associação África Unida *Dança/ Música* • Ateneu de Coimbra *Música/ Poesia* • Brigada Victor Jara (elementos da) *Música* • Carla Silveira *Música* • Carlos Gomes *Artes Plásticas* • Conny *Música* • Coral Quecofónico do Cifrão (Fac. Economia) *Música* • Élia Ramalho *Artes Plásticas* • Elsa Ferreira Yoga de *Relaxamento* • Fanfarras Académicas de Coimbra *Música* • Fernando Tabor *Poesia* • Forrocatu (Forró) *Música* • Francisco Araújo *Artes Plásticas* • Francisco Paz *Poesia* • Gambuzinos (Música Medieval) *Música* • Grupo de Gaiteiros Rebimbomalho *Música* • Grupo de Teatro do CERTOMA *Teatro* • Grupo de Teatro Marimbondo *Teatro* • Interdito-Grupo de Teatro da FPCE *Teatro* • K&Batuna- Tuna Mista da ESEC (IPC) *Música* • Luís Figueiredo e Sofia Vitória (Jazz) *Música* • Luís Rodrigues *Ilusionismo* • Mariana Fonseca Nunes *Dança* • Minerva (Fados e Guitarradas) *Música* • Mondeguinas *Música* • Nelson Gomes *Artes Plásticas* • Patrick Rodrigues Yoga de *Meditação* • Paula Santos *Poesia* • Phartuna- Tuna da FFUC *Música* • Projecto Trampolim *Dança/ Música* • Quantunna (FCTUC) *Música* • Roncos e Curiscos *Música* • Rosa Maria Marques *Teatro/Poesia* • Tiago Mourato *Artes Plásticas* • Tuna da Universidade Sénior da Cúria *Música* • Vitis Tuna- Tuna da ESAC (IPC) *Música*

Escola de Hotelaria e Turismo de Coimbra: a Cultura na Formação

José Luís Marques *

Ao longo dos seus 20 anos de existência, comemorados a 29 de Novembro do ano passado, a Escola de Hotelaria e Turismo de Coimbra (EHTC) foi criando a sua rede de relações institucionais, centrada na cooperação com as empresas do sector do turismo, mas nunca descurando a abertura a outros parceiros igualmente fundamentais para o cumprimento integral dos seus diversos papéis como estabelecimento público de ensino e formação. De facto, numa perspectiva de abertura à comunidade envolvente, de responsabilidade social e de serviço público, a EHTC tem desenvolvido um conjunto de projectos estruturados, actividades e eventos com instituições diversas, que não se esgota na referida rede privilegiada de relações com o mercado turístico em geral.

Entendemos referir, aqui, alguns exemplos de acções realizadas nos últimos tempos com a Universidade de Coimbra (UC), instituição fundamental na – e para – a vida da cidade e região, com quem estabelecer parcerias para o desenvolvimento de actividades várias permitiu à EHTC emprestar um cunho cultural importante à formação dos seus alunos.

À Mesa com... o Multiculturalismo de Coimbra e Ao Fogão e à Mesa com... os Estudantes ERASMUS da UC
Sob estas designações, com a preciosa colaboração da Divisão de Relações Internacionais, Imagem e

Comunicação da UC, da Associação SÓCRATES/ERASMUS (antigos e actuais alunos da UC que participaram naqueles programas em universidades estrangeiras) e das diversas associações de estudantes dos PALOP's presentes na cidade, foram realizadas entre 2006 e 2009 várias acções que puseram os alunos da EHTC em estreita interacção com estudantes estrangeiros da UC, nas cozinhas, no bar e no restaurante da escola.

Assim, convidando os estudantes de todo o mundo presentes na UC a aderir a esta iniciativa, foi-lhes colocado o desafio de propor à EHTC receitas tradicionais dos seus países que, no dia do evento, confeccionariam nas cozinhas da escola, com o apoio dos formadores e alunos de cozinha e pasteleria, apresentando o resultado final num banquete servido no restaurante pedagógico a um conjunto de convidados representativos da comunidade envolvente e das entidades parceiras desta actividade. Desta forma, com mais ou menos experiência culinária, os estudantes aderentes tornaram-se chefes de cozinha por um dia.

No dia 11 de Maio de 2006, realizou-se a primeira acção, onde esteve representada a denominada Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), correspondendo com grande entusiasmo ao desafio proposto: Angola, Cabo-Verde, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Brasil, sendo ainda assinalada a presença portuguesa na Índia,

pela Associação Cultural de Amigos de Goa, Damão e Diu em Coimbra, participação extra-universitária que demonstra o carácter aberto da iniciativa a outras instituições da cidade.

A 29 de Março de 2007, realizou-se a segunda acção, esta com uma ainda maior diversidade de países participantes e de respectivas propostas gastronómicas, tendo aderido estudantes da UC, ao abrigo do programa ERASMUS, do Irão, Japão, China, Índia, Rússia, Roménia, Turquia, Polónia, Grécia, Alemanha, França, Espanha e Brasil.

O ano de 2008 conheceu não uma, mas duas acções inseridas no espírito do multiculturalismo presente na cidade de Coimbra, iniciando com um evento a



28 de Março, em que aos países da CPLP se juntou “o resto do mundo”, à excepção dos países membros da União Europeia, dado que lhes estava reservado um dia próprio. Assim, no primeiro evento de 2008, marcaram presença estudantes do Brasil, Estados Unidos, Índia, Japão, Suíça, Turquia, Brasil, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. No dia 9 de Maio, Dia da União Europeia, realizou-se a segunda acção, convidando os estudantes oriundos daquela comunidade a assinalar a efeméride com a reunião dos seus povos e da sua cultura, pelo contacto entre todos os intervenientes e a partilha das respectivas gastronomias, convivendo à volta do fogão no momento da preparação das ementas, mas também à volta da mesa, no momento da degustação das iguarias tradicionais de cada país. Desta feita, a escola teve o privilégio de receber jovens de Itália, Espanha, Grécia, Bulgária, Roménia, Alemanha, Eslováquia e Áustria. Este evento despertou a curiosidade da RTP1, tendo sido transmitida uma reportagem sobre o mesmo.

Natais da Europa e do Mundo... à Mesa em Coimbra

No que diz respeito às mostras gastronómicas e convívio com os estudantes estrangeiros da UC, a organização de eventos com a Divisão de Relações Internacionais, Imagem e Comunicação da UC e com a Associação SOCRATES/ERASMUS, terminou com chave de ouro, até ao momento. De facto, em 2009, pretendeu-se realizar uma acção num modelo ligeiramente diferente dos anteriores, apostando-se numa acção de Inverno e não de Primavera, a pretexto de, desta feita, se sugerir aos participantes a apresentação de ementas tradicionais da quadra natalícia dos seus países e regiões. No dia 3 de Dezembro, deliciosos pratos e sobremesas dos países aderentes foram preparados pelos respectivos alunos, tendo-se soltado, inevitavelmente, o espírito de Natal em todos os participantes da actividade, pois os aromas e os sabores que pairavam no ar, bem como os adereços decorativos, a isso levaram, acentuando, apesar dos momentos bem passados, as saudades de casa de muitos dos jovens. Brasil, França, Itália, Suíça, Polónia, Finlândia, República Checa, Eslováquia, Estónia e Lituânia foram os



países representados nesta ocasião, igualmente com direito a reportagem televisiva do canal nacional, desta vez em directo, a partir das cozinhas e restaurante da EHTC.

Em todas as iniciativas retratadas o resultado final foi um êxito, tendo os objectivos iniciais previstos para as mesmas sido cumpridos na íntegra: o estabelecimento de parcerias entre as instituições do meio, o contacto entre jovens de diferentes países, reforçando assim o conhecimento inter-cultural e criando laços de afectividade (estes bem visíveis no final das acções) e, finalmente, dar a conhecer a gastronomia de tantos países e regiões que, de certa forma, pela presença e permanência dos seus “autores”, está presente na cidade de Coimbra.

Banquete Aero-Futurista

Por ocasião da XI Semana Cultural da UC, a EHTC foi convidada a participar num evento especial realizado nos dias 28 de Fevereiro e 1 de Março de 2009, no Hotel Astoria, na cidade de Coimbra, tratando-se da reprodução – possível - de um banquete inspirado nas re-

ceitas contidas no manifesto do movimento modernista designado por Futurismo (criado pelo poeta e escritor italiano Filippo Tomaso Marinetti), a comemorar 100 anos naquela ocasião. Os programadores culturais da UC desafiaram a EHTC a, em conjunto com o actor, encenador e cozinheiro Peter de Bie, da companhia teatral belga Laika (conhecida pelas suas peças inspiradas em rituais culinários), planear, confeccionar e apresentar a(s) referida(s) ementa(s). Como sempre, pelo desafio culinário colocado e pela dimensão cultural do evento, a EHTC aderiu com entusiasmo à iniciativa, proporcionando a alguns dos seus formadores e alunos a oportunidade de participar num acto cultural promovido pela UC, estando por dentro de uma encenação teatral e fazendo, ao mesmo tempo, aquilo para o que, profissionalmente, se preparavam na escola: cozinha, pastelaria, serviço de mesa, atendimento e hospitalidade de grande qualidade e rigor.

* Coordenador da Área Técnica da Escola de Hotelaria e Turismo de Coimbra.

“SABEReseARTES” como Investigação

Berta Teixeira *

O ano de 2010 deveria ser determinante por assinalar o *terminus* da segunda Década de Erradicação do Colonialismo. É igualmente o Ano Internacional de Estreitamento entre Culturas. A descolonização, enquanto processo complexo, convoca a reabilitação de algumas propostas da modernidade europeia, a saber, a emancipação do ser humano na sua dimensão económica, social, ecológica e por fim, artística e cultural. Para concordarmos que as manifestações estético-expressivas possam ser seminais a (novas) práticas/competências emancipatórias urge acreditar que qualquer processo de descolonização tenha de ser nutrido pelo respeito à Natureza e pela pluralidade de Saberes no mundo. Lograr a descolonização do território implica a descolonização do pensamento, respeitando diferentes valores e dignidades humanas, não só assumindo a sua diversidade mas garantindo, também, a validação epistemológica dessa diversidade no mundo.

Uma racionalidade/prática tão cosmopolita quanto plural e democrática deveria favorecer processos inclusivos de produção/legitimação de conhecimentos. Tais conhecimentos, entre os quais incluo as actividades e as manifestações estético-expressivas (as artes e outros saberes nas suas significâncias hegemónicas e contra-hegemónicas) devem e podem crescer dentro de uma reformatação dinâmica das suas instituições na construção, do que se deseja, um mundo humanizante pós-abissal.

Num momento particular da academia de Coimbra, em que decorre a Reestruturação dos Saberes, processo este que tenta responder a prioridades e

agendas nacionais e internacionais complexas, não seria despropositado convocar as actividades artísticas. Estas, até aqui fortemente conotadas com um património social e cultural (material/imaterial), podem funcionar como um bom mecanismo de construção de cidadanias cognitivas. Tais cidadanias, sendo cada vez mais globalizadas, podem crescer vigorosamente cosmopolitas, porque activadas pelos vários saberes e artes, numa atitude de ruptura epistemológica em que não basta mudar, mas urge mudar a mudança. O emergente reconhecimento/afirmação/integração da dimensão cultural e artística em projectos para qualidade de vida do ser humano, enquanto quarto pilar de desenvolvimento sustentável (sendo os anteriores o económico, o social e o ambiental), favorece os gestos, que se constroem fazendo, de reinventar o(s) jeito(s) de transformar.

“SABEReseARTES” como Investigação é uma iniciativa acolhida pelo Núcleo de Estudos sobre Ciência, Tecnologia e Sociedade (NECTS) do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra que visa organizar uma série de eventos em torno das actividades/manifestações estético-expressivas (por ora, de ênfase cénica/performativa/visual) entre outros saberes oriundos de culturas específicas.

A iniciativa enquadra-se na diversidade dos debates instigados pelo CES sobre as questões da cidadania cognitiva e das concepções transversais/interfaciais de produção e legitimação de conhecimento. Tem por objectivo principal aprofundar e diversificar tais

discussões, fundamentando-as numa experiência incorporada e implicada, de modo a tornar menos tensa a adequação da formulação dos resultados de certas investigações das Ciências Sociais e Humanas e a sua expressão/comunicação; procura promover a horizontalidade possível entre a experiência, a transformação social e sua análise; pretende ainda fomentar as condições de base para criação de círculos de intermediação, articulação e colaboração entre domínios de Conhecimentos, de Culturas e das suas plurais modalidades de Comunicação, mobilizando as várias Ciências, Saberes (tradicionais/modernos e tecnológicos/artesanais), Artes e Sociedades enquanto projecto educacional, de cidadania estético-expressiva criativa e de transformação e justeza-beleza social.

“SABEReseARTES” como Investigação tenta concretizar uma postura de investigação-criação que, enquanto actriz-encenadora-directora artística, venho desenvolvendo desde os meus tempos de licenciatura, nesta e noutras academias. Para tanto, parto da minha própria investigação-criação sustentada por trabalhos de outros criadores como, por exemplo, Joel-Peter Witkin e Cecil Balmond, cujas obras são exemplos exímios de articulação e colaboração entre saberes, artes, ciências, culturas e sociedades. A pesquisa interdisciplinar – até mesmo transdisciplinar – que venho desenvolvendo, desde 1994, faz-me acreditar que os processos criativos são, em si, processos de investigação, portanto, de produção de conhecimento e de sentido em geral, pelo que podem ser desenvolvidos também no seio e/ou em colaboração estreita com as universidades.

Defendo, ainda, que as dinâmicas constelares, porosas e colaborativas (mais ou menos explícitas) de certos processos criativos favorecem uma obra final que garanta e contemple a flexibilidade nos seus corpus, discursos, na sua forma e estética. Os rigorosos protocolos de produção de discurso nas academias podem, no meu entender, ser enriquecidos quando permeáveis a outros *modus operandis* e respectivos discursos-suportes, nomeadamente, oriundos das artes entre outros saberes.

Até ao momento, a iniciativa “SABEReseARTES” como Investigação foi materializada no projecto de investigação-criação “Parede de Segredos” (no âmbito

do qual se realizou uma Peça-Instalação de poesia e foi, originariamente, concebida e programada uma Conferência Interdisciplinar em torno da investigação-criação de Cecil Balmond), bem como na Conferência-Concerto de Howard S. Becker e Robert Faulkner, em Coimbra, e ulteriormente, no Espectáculo “Devassa”, pela Cia dos Atores, estreado em Junho, no Rio de Janeiro (Brasil) e no Seminário Internacional, sob o tema “Cidadania Cognitiva: Artes e Saberes enquanto Investigação nas Sociedades de Conhecimento Contemporâneas” que decorreu no CES-Coimbra, em Julho do corrente ano.

A criação artística pode ser considerada e legitimada como investigação (válida nos moldes científicos-acadêmicos)? Como podem as áreas artísticas trazer contributos para as demais áreas-disciplinas? Podem os artistas e praticantes de saberes específicos participar em equipas de investigação cujo objecto de estudo não remete para os campos das artes ou desses mesmos saberes? Quais as agendas sobre a cidadania, desenvolvimento sustentável e sua relação com as artes-saberes?

Estas foram algumas das perguntas lançadas no referido Seminário Internacional para iniciar uma reflexão-acção alargada em torno do possível estreitamento da relação das artes, saberes e produção/legitimação do conhecimento em geral. Dos convidados, entre os quais artistas (cinema, teatro), estudiosos, praticantes de saberes específicos (capoeira), altos responsáveis de instituições públicas de cultura e de saber, esperou-se que partilhassem e reflectissem sobre os seus caminhos e processos de trabalho (Criação/Investigação/Investigação-Criação), sobre os seus entendimentos, escolhas e prioridades no que diz respeito à produção de Conhecimento nas academias. Os seus testemunhos revelaram que os territórios do pensamento estão em vias de descolonização e afirmaram uma volição prometedora de iniciativas que sustentem o resgate da Criação nos gestos da Investigação. Academia é rua prodigamente larga à vida.

*Actriz, Directora Artística e Investigadora.

Prática deliberada e *performance*: invariantes no desporto, nas artes e na ciência

Manuel João Coelho e Silva *

A prática de uma actividade pressupõe o compromisso com um objectivo a atingir, podendo considerar-se a focalização no produto, entendido como resultado da acção ou, paralelamente, um maior enfoque no processo, entendido como optimização de procedimentos, tornando-os mais consistentes, robustos à interferência contextual e económicos (Helsen & Starkes, *Applied Cognitive Psychology*, 1999, 13: 1-27). A recente amargem forçada de um avião no rio Hudson não está ao alcance de um jovem piloto, e a calma demonstrada na conversação com a torre de controlo não serão conteúdos de fácil abordagem num programa organizado de ensino-aprendizagem. Também não é por acaso que nos entregamos com maior tranquilidade a um cirurgião que nos confessa deter milhares de horas de experiência no bloco operatório. Podemos inferir que a cirurgia constitui uma combinação de técnica e arte, tornando-a inacessível a elementos menos talentosos ou menos dedicados.

A definição de objectivos claros e a percepção da adequação dos mesmos ao limite das capacidades individuais do sujeito de aprendizagem estabelece uma estreita relação com o volume e intensidade da prática, podendo esta decorrer de um modo massivo (temporalmente concentrado) ou distribuído. Num estudo com jovens sem experiência na prática de

“bowling”, aqueles que foram aleatoriamente seleccionados para praticarem um módulo de 20 sessões num regime bidiário (dez dias) tiveram ligeiramente menos ganhos de aprendizagem que os seus pares sujeitos ao mesmo programa de ensino (20 sessões) realizado em 40 dias. O efeito da variável independente (resultando na comparação entre grupos) foi ainda mais notado quando no lado da variável dependente se testou a retenção das aprendizagens após dez, 20 e 40 dias de interrupção do programa de treino.

Estudos complementares realizados com manobras finas de golfe demonstraram que tanto a aprendizagem como a resistência ao destreino eram mais acentuadas entre elementos que acumularam experiência em esquemas aleatórios. Provou-se que a excessiva estruturação das aprendizagens decorrente do trabalho em séries e blocos de aprendizagem sequenciais e repetidos se revela menos efectivo, mais vulnerável ao destreino e degradação da *performance* e, igualmente importante, com menor potencial de transferência. Ou seja, os executantes que treinaram de forma estruturada e contextualmente estandardizada o “swing” do golf, estando habituados a uma determinada velocidade de execução incorrem em erros de distância e trajectória, especialmente notados num registo cinemático mais exigente.

Para reforçar a compreensão do conteúdo desta peça, poderíamos contabilizar os filhos dos jardineiros de campos de golfe que se tornaram sucedidos jogadores profissionais, com *performances* claramente superiores aos dedicados atletas produzidos por bem pagos *personal trainers*. Adicionalmente, outras investigações demonstraram que os melhores jogadores de xadrez se destacam nas percepções iniciais que fazem sobre uma jogada a realizar e não tanto nas análises resultantes de uma apreciação mais pausada e reflectida. Estas evidências relevam a importância de qualidades perceptivas que dependerão de um talento inato, mas sobretudo de um enorme volume de experiência, substanciado numa regra empírica de dez mil horas de prática em dez anos. Para os mais distraídos, estamos a falar num formato de 20 horas semanais, durante 50-52 semanas, repetidas por dez anos (Ericsson & Lehmann, *Annu. Rev. Psychol.* 1996. 47: 273-305).

Cirurgiões, pianistas, maestros, pilotos de aviação, jogadores de xadrez, bailarinas, a par de atletas de alta competição em inúmeras modalidades desportivas começam a ser estudados, produzindo factos curiosos. Investigadores da Florida, Berlim, Toronto e Moscovo, demonstraram que era possível explicar a posição no ranking dos melhores jogadores de xadrez, tendo como variável de presságio o tempo (durante os primeiros cinco anos de prática) dedicado ao estudo sem supervisão (Charness, Tuffiash, Krampe, Reingold, Vasyukova, *Applied Cognitive Psychology*, 2005, 19: 151-165). Estamos longe de querer afirmar que o treinador só atrapalha, mas algumas organizações famosas na indústria do futebol, como o conhecido Ajax, estão a transferir as suas academias para o Ruanda, a Costa do Marfim ou o Brasil. Depois de anos a recrutar jovens de 14, 15 e 16 anos de idade com poucos proveitos, perceberam que a deslocalização da matéria-prima (jovens talentosos) para a fábrica (centros de treino) de Amesterdão não produzia os efeitos desejados, ficando claro que boa parte do *expertise* reside nas variáveis não planificadas do habitat de origem.

No âmbito do mestrado em Treino Desportivo, propusemos a criação de uma unidade curricular designada

Prontidão e Talento Desportivo. A investigação aplicada envolvendo atletas de elite tem produzido várias teses com amostras decorrentes das selecções nacionais de hóquei, corrida de patins, judo, futebol feminino, canoagem e começam a estar disponíveis os primeiros resultados publicados em revistas internacionais arbitradas e com medição de impacto (Coelho e Silva, Carvalho, Gonçalves, Figueiredo, Philippaers, Elferink-Gemser, Malina. *Journal Sports Medicine Physical Fitness*, 50: 174-181; Figueiredo, Gonçalves, Coelho e Silva, Malina. *Annals of Human Biology*, 36: 60-73). A explicação do sucesso desportivo encontra-se esgotada nos paradigmas que sobrevalorizam a biologia do desporto e os modelos monodisciplinares, crescendo o interesse pelo espaço de investigação inter e multidisciplinar.

Outro trabalho recentemente aceite na *International Journal of Sports Medicine*, realizado com colegas das universidades de Coimbra, Porto, Texas, Bath (Reino Unido) e Ghent (Flandres) tentámos explicar as variáveis que melhor discriminam os jogadores da selecção de futebol sub-14 a partir de preditores como a idade óssea, *repeated sprint ability*, potência muscular, composição corporal por pletismografia ou ainda a orientação para a tarefa e para o ego. Os resultados foram interessantes, mereceram a decisão de *accepted for publication* e recomendação para novos trabalhos com mais variáveis e metodologias concorrentes e alternativas às adoptadas para confirmar a consistências interna dos modelos explicativos do desempenho desportivo. Resumindo, no desporto, nas artes, na ciência e demais actividades performativas, a rota para a excelência e *expertise* requer talento e prática (*nature and nurture*), obrigando a investigação aplicada a rever os seus paradigmas tradicionais, monodisciplinares e uni-método, muitas vezes oriundos da ciência-máter (Psicologia, Medicina). É o que temos vindo a tentar fazer no Centro de Investigação do Desporto e Actividade Física (CIDAF), estrutura sucedânea do Centro de Estudos Biocinéticos e em *networking* com colegas norte-americanos, britânicos, flamengos e holandeses.

* Professor da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade de Coimbra.

Por uma Academia mais verde

A Direcção do Grupo Ecológico da Associação Académica de Coimbra

O Grupo Ecológico da Associação Académica de Coimbra (GEAAC) é uma das secções culturais mais antigas da AAC. Soma anos de história, anos de actividade, repartidos por múltiplos campos de acção. Fundado em 1974 por um grupo de ecologistas e anti-militaristas, centrava a sua intervenção na defesa da paz e do meio ambiente. Com o passar do tempo, e considerando a realidade em constante mutação, os princípios e a forma de actuação do Grupo Ecológico foram-se também transformando. Actualmente, o Grupo Ecológico procura, de forma activa, consciencializar a comunidade estudantil dos principais problemas ambientais, bem como do papel que cada um, enquanto ser social, tem na redução do impacto negativo do mesmo.

Tendo em conta que, hoje em dia, a Ecologia tem um papel fundamental em todos os campos sociais da nossa civilização, defendemos a gestão descentralizada dos recursos, a adopção de tecnologias leves e descentralizadas e a adopção de modelos de vida que consideram e respeitam a dimensão animal (humana e não-humana).

Como tal, não deixamos de englobar nas actividades do Grupo Ecológico: a luta anti-nuclear; a defesa dos direitos de todos os seres vivos; a divulgação de práticas alternativas efectivas, tendentes a uma gestão mais racional dos recursos – nomeadamente, a agricultura biológica e outras formas de produção e de vida sustentáveis; a

promoção da gestão equilibrada de todas as fases de produção, desde a extracção dos recursos primários à fase industrial, ao processo de consumo e disposição dos materiais, defendendo a redução dos excessos supérfluos de produção; a reutilização exaustiva dos materiais transformados e a reciclagem integral dos excessos do processo de produção e consumo; a defesa dos espaços naturais; e outras actividades relacionadas com a ecologia, que de alguma forma alertem para a necessidade de vivermos numa sociedade onde haja um desenvolvimento sustentável e equilíbrio ecológico humano.

Uma questão que sempre suscitou indignação no Grupo Ecológico é a “tradição” da Garraiada da Queima das Fitas de Coimbra que foi continuamente questionada, de forma assumida, pelo Grupo. No entanto, de Garraiada só tem mesmo o nome. De facto, este é desmentido pelo próprio cartaz que anuncia a presença de toureiros, cavaleiros e bandarilheiros. Será este engano propositado? Será o objectivo convencer os menos informados a assistir a um espectáculo que julgam ser uma brincadeira inofensiva?

Muitos estudantes afirmam que concordam conosco, nas várias manifestações anti-Garraiada já realizadas, contudo, manifestam incoerência, quando entram para a arena. Há ainda estudantes que, duvidando que se trate mesmo de uma

tourada, chegam a entrar na arena para saírem pouco depois, já convencidos e arrependidos de o terem feito. Adivinhamos, também, que existam os que fecham os olhos, tanto os que estão na praça, como os que não entram. E é desta forma que se vai fazendo de conta que uma barbaridade não existe, pois se deduz que se a praça fica cheia é porque as pessoas gostam da essência do que é uma garraizada/tourada, e não que entram numa praça de touros apenas para participar em mais uma manifestação da praxe, com o desfile de finalistas pela arena, a abanar as fitas.

Lamentamos que instituições académicas, que têm como objectivo a formação intelectual e humanista do indivíduo, perpetuem tais espectáculos de violência. Efectivamente, torna-se ainda mais grave quando esta iniciativa parte de e reúne estudantes universitários dos quais se espera que defendam valores morais de justiça e de respeito, tendo como base a formação superior que estão a adquirir e que deve servir, igualmente, para os tornar pessoas mais informadas e conscientes. O Grupo Ecológico espera e ambiciona que esta actividade da “festa da Academia” seja substituída por outra que não envergonhe a classe estudantil, pois acredita que não é necessário o “abanar das fitas” estar associado à tortura e morte de animais.

O modo de actuação do Grupo Ecológico depende directamente dos membros que o compõem. Deste modo, se inicialmente as actividades do grupo eram marcadas essencialmente pela organização – manifestações, por exemplo –, hoje, o Grupo está mais direccionado para a sensibilização e divulgação de informação. Assumimos esta postura porque acreditamos que cada comportamento ecológico deve ter origem numa motivação intrínseca e que cada indivíduo deve descobrir/construir a sua própria motivação.

Neste sentido, o Grupo Ecológico promove acções de sensibilização junto da comunidade estudantil e em geral, chamando a atenção para uma preocupação que deve ser de todos os indivíduos.

O Grupo procura apelar à consciência ecológica individual a partir da exposição de informação, quer a partir de meios audiovisuais, como do visionamento de filmes e documentários ou da distribuição de material informativo. São, também, realizadas acções de informação acerca de diversas temáticas ligadas à ecologia, de onde se salienta a publicação do boletim informativo do Grupo Ecológico: *O Galho*. Numa vertente mais prática, são realizadas saídas de campo com vista à aproximação a espaços naturais, dando-se, simultaneamente, a conhecer a biodiversidade existente nos diferentes ecossistemas visitados, procedendo-se à recolha de informação e registo acerca da fauna e da flora dos locais, dos problemas ecológicos, da construção integrada, etc.

O Grupo Ecológico conta, ainda, com reuniões semanais, onde são debatidas ideias relacionadas com as temáticas acima mencionadas e que procuram ser um espaço onde se trabalha de forma activa no sentido de pôr em prática acções que permitam uma tradução, na prática, dos ideais do Grupo.

Este é um espaço aberto a novas ideias, opiniões e iniciativas que possam, de alguma forma, contribuir para uma maior consciência ecológica. Sendo o número destas questões ilimitado, é um espaço para serem discutidas propostas e transformá-las em acções. É um espaço livre e não impõe aos seus membros que se identifiquem com uma imagem em particular. Cada membro é livre de ter as suas convicções e de actuar nas áreas com que se identifica. Por outras palavras, não é preciso ser vegetariano ou sindicalista para fazer parte deste grupo. Para o integrar, basta apenas partilhar dos seus valores, que se baseiam na defesa do nosso planeta.

O Grupo Ecológico encontra-se aberto a todos os interessados, podendo ser visitado na sua sala no 1.º Piso do Edifício Sede da AAC e pode ser contactado através do endereço electrónico: grupoecologico.aac@gmail.com.

Breves

Aluno da UC galardoado no maior evento mundial de computação gráfica

Entre 72 concorrentes, um vídeo de Pedro Miguel Cruz, aluno da Universidade de Coimbra (UC), conquistou o *Prémio Melhor Trabalho de Aluno* no maior evento mundial de computação gráfica, a conferência SIGGRAPH 2010. Este evento, que decorreu em Julho, na cidade de Los Angeles (EUA), contou com profissionais das artes gráficas, videojogos, animação, cinema e efeitos visuais, alguns de grandes produtoras de Hollywood. *Visualizing Empires Decline* é um projecto na área da visualização de informação que narra o declínio de quatro grandes impérios marítimos dos séculos XIX e XX – Portugal, Espanha, França e Grã-Bretanha –, concretizado num vídeo, uma animação em 2D, de aproximadamente três minutos. Integrandos 110 momentos históricos, a sua génese é justificada pelo seu criador pelo facto de sempre ter achado “fascinante observar a evolução do império português, paralelamente a outros impérios. Este tipo de infográficos comparativos não se encontravam (no meu tempo) em livros de História”, afirmou em declarações ao jornal *Ciência Hoje*.

Em termos narrativos, o projecto deste mestrando de Engenharia Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC, que recentemente estagiou no estúdio criativo brasileiro 3bits e colabora com a empresa de design FBA, começa por mostrar quatro grandes manchas coloridas, que se vão dividindo à medida que as respectivas colónias ganham independência relativamente aos impérios dominantes, afastando-se da mancha original para ocupar uma posição correspondente ao seu lugar no mapa-múndi. Ainda de acordo com as suas palavras a propósito desta criação, “o conceito e a execução valerem por si”, sendo uma “peça lúdica, que

pode funcionar bem na sala de aula”, nomeadamente, no ensino da História. O trabalho de Pedro Cruz foi também uma das 30 selecções do júri do certame, escolhido num universo de 750 filmes dos mais diversos géneros, para exibição num festival que decorreu em paralelo à conferência.

As versões do vídeo *Visualizing Empires Decline* podem ser visualizadas em <http://mondeguinho.com/master/>.

LUME protagonizaram concerto da Abertura Solene das Aulas da UC

Numa organização conjunta da Reitoria da UC, Fundação Cultural da UC/TAGV e Jazz Ao Centro Clube, o colectivo LUME – Lisbon Underground Music Ensemble estreou ao vivo o seu primeiro álbum no concerto da Abertura Solene das Aulas da UC, que decorreu a 15 de Setembro no Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra.

De título homónimo, as composições apresentadas por esta *big band* no espectáculo são da autoria do seu líder, o pianista Marco Barroso, também responsável pela electrónica, tendo sido interpretadas por Manuel Luís Cochofel (flauta), Paulo Gaspar (clarinete), Jorge Reis, João Pedro Silva, José Menezes e Elmano Coelho (saxofones), Jorge Almeida, João Moreira e Pedro Monteiro (trompetes), Luís Cunha, Eduardo Lála e Pedro Canhoto (trombones), Miguel Amado e André Sousa Machado (secção rítmica).

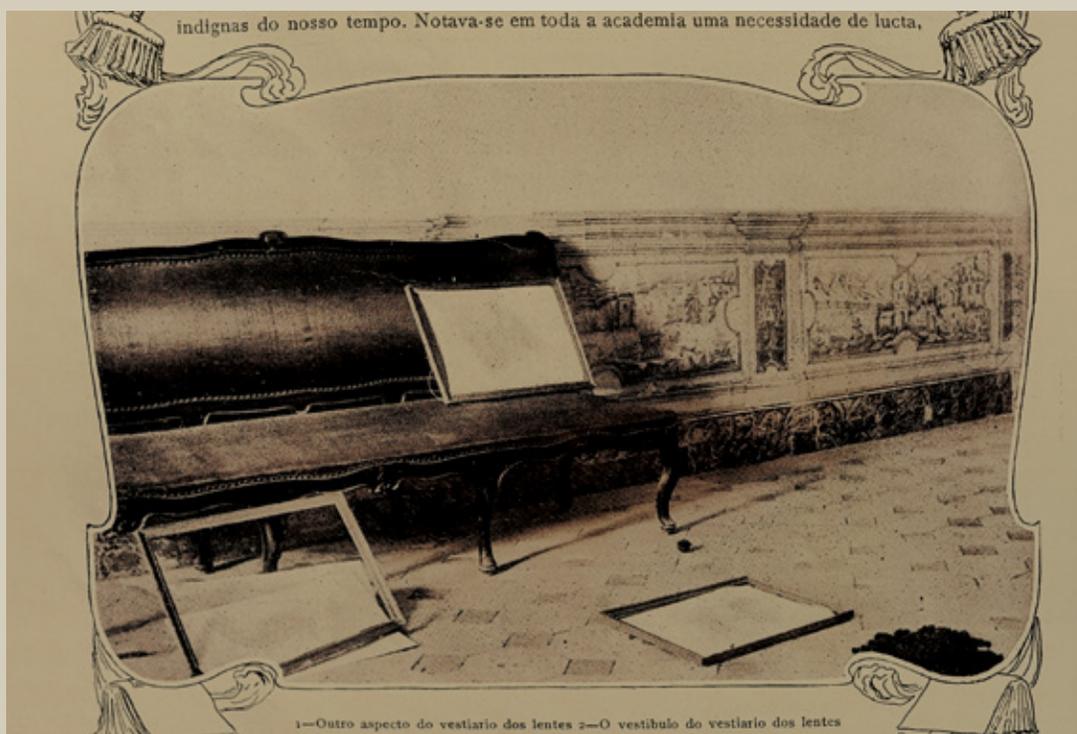
Com início de actividade registada em 2006, os LUME têm sido alvo de um crescente reconhecimento pela forma como misturam jazz, rock ou ritmos latinos com outras sonoridades, burilando uma amálgama onde é possível identificar o orquestralismo jazz de Duke

Ellington ou Glenn Miller, a energia do rock ou a complexidade estrutural e harmónica da música erudita contemporânea.

Centenário da República na Universidade de Coimbra

No âmbito das comemorações do Centenário da República, efeméride assinalada a nível nacional através de um conjunto de actividades multidisciplinares, também a Universidade de Coimbra (UC) preparou um conjunto de iniciativas que têm vindo a acontecer e se estenderão a 2011. Nesse sentido, ainda este ano e ao longo do próximo, diversas instituições, docentes e investigadores da UC serão responsáveis pela sua concretização. No capítulo dos colóquios, de referir *Da Virtude e Fortuna da República ao Republicanismo Pós-Nacional*, colóquio internacional realizado no passado mês de Setembro, que contou com a presença de Jürgen Habermas e John Pocock, duas personalidades a quem se devem as reflexões mais profundas e estimulantes sobre a filosofia e a ética

republicana. No mesmo âmbito, irão ainda decorrer os colóquios *1910-2010: A Comunicação e a Educação Republicanas, Os Médicos e a República, Historiografia Portuguesa e Brasileira no Séc. XX*, os congressos *História da Ciência na UC, Mobilidades Contemporâneas*, ou as conferências do *Ciclo 100 Anos da Faculdade de Letras Numa Universidade Multi-Secular*. Por outro lado, também as exposições integram o conjunto de acções pensadas e preparadas pela UC. Assim, a exposição *Estórias Republicanas – Impressões que fazem história* manterá o seu carácter itinerante por escolas e bibliotecas, *O Património da Faculdade de Letras da UC* terá como mote o acervo da referenciada faculdade, enquanto que *Ver a República*, constituída por três núcleos temáticos – *Galeria Republicana, Galeria Rípublicana e Galeria Universidade* –, que integram materiais diversos, entre os quais retratos e caricaturas de alguns dos protagonistas políticos e científicos da Iª República, estará patente em espaços do Museu da Ciência, Museu Nacional Machado de Castro e Biblioteca Geral da UC. São igualmente de salientar os vários títulos da Colecção *República* a publicar, numa edição da Imprensa da UC.



Grupo de Trabalho para os Estudantes com Deficiência no Ensino Superior

Patrícia Pereira Araújo *

Caracterização Geral das Estruturas de Apoio

A partir dos finais da década de 1980, algumas Instituições do Ensino Superior (IES) identificaram a necessidade de organizar e disponibilizar estruturas de apoio à integração dos seus estudantes com deficiência no contexto escolar, para promoção das condições necessárias à criação de igualdade de oportunidades de êxito.

A Universidade de Coimbra (UC) e a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL) foram pioneiras na organização destas estruturas – datam de 1989; actualmente, muitas outras IES disponibilizam serviços nesta área. É de referir que algumas destas estruturas, particularmente as mais antigas, têm como matriz terem-se constituído a partir da capacidade organizativa/reivindicativa dos próprios estudantes com deficiência.

Inicialmente, estas estruturas definiram como público-alvo os estudantes com deficiência visual, talvez por se tratar dos mais representados ou reconhecidos no seio académico, mas rapidamente o seu público-alvo se alargou a outros estudantes, nomeadamente aos que apresentavam deficiência física e/ou sensorial e, progressivamente, estendeu-se a outros estudantes com Necessidades Educativas Especiais (NEE's), resultantes de doença orgânica incapacitante, de doença do foro psiquiátrico, de doenças graves limitativas das normais funções associadas a tratamentos agressivos.

Algumas das IES aprovaram regulamentos próprios

sobre o âmbito de actuação das estruturas de apoio ao estudante com deficiência. As principais áreas de intervenção desenvolvem-se em torno da avaliação das NEE's apresentadas pelo estudante, acompanhamento técnico e personalizado ao longo do curso, incremento à dinamização das respostas preconizadas, produção/disponibilização de materiais didácticos em formato alternativo ao livro convencional, dinamização de centro de documentação destes formatos e formação dos estudantes com deficiência visual nas novas tecnologias de informação.

O modelo de enquadramento institucional destas estruturas não é idêntico em todas as IES, registando-se que algumas delas estão directamente articuladas com as respectivas Reitorias, outras com os serviços da Administração Central do estabelecimento de ensino, outras com os Serviços da Acção Social, e outras ainda com a Direcção de Faculdades. Apesar da diferenciação dos modelos de enquadramento, sublinhe-se uma característica transversal a todas elas: são estruturas muito simples que privilegiam o recurso às sinergias dos demais serviços universitários e da comunidade em geral – aliás, a generalidades delas refere – segundo dados coligidos em “Questionário para Serviços de Apoio a Alunos com Deficiência e ou Necessidades Educativas Especiais” (GTAEDDES, 2010) – o estabelecimento de parcerias com uma apreciável diversidade de serviços (ACAPO, APSurdos, Caritas, Hospitais, Câmaras Municipais, Associações de Estudantes, Centros

Coleópteros (Coleoptera)

Cárbido
(*Carabus catenulatus*), 28mm

Scaphinus olens, 20-30mm

Melolontha hippocastani, 30mm



de Paralisia Cerebral, Centros de Reabilitação, entre outros) através das quais são operacionalizadas muitas das respostas às necessidades dos estudantes.

Correspondendo, porventura, à desmistificação do modo como lidar com a deficiência, tem-se desenhado uma tendência para incorporar estas estruturas de apoio em unidades funcionais: de cariz mais abrangente, de apoio e orientação disponibilizados a todos os estudantes englobando, a par da valência do Apoio Técnico e Pedagógico ao Estudante com Deficiência, outras valências, como sejam: avaliação psicológica, orientação, apoio e aconselhamento psicológico, apoio psicopedagógico e orientação vocacional, e ainda apoio ao trabalhador estudante.

Constituição do Grupo de Trabalho

Os profissionais que nas IES operam no domínio do Apoio Técnico e Pedagógico ao Estudante com Deficiência, identificaram a necessidade de estabelecerem, entre si, uma rede de discussão e partilha de informação. Assim, em 1998, no âmbito da Comissão Nacional de Leitura Especial para Deficientes Visuais (1994 a 2003), coordenada pelo então Secretariado Nacional de Reabilitação (SNR), e na qual estavam integradas todas as estruturas neste domínio em funcionamento nas IES, foi decidido constituir um Grupo de Trabalho para o Ensino Superior.

Este grupo integrava, então, os coordenadores daquelas estruturas da UC, da Universidade do Minho (UMinho), da Reitoria da Universidade do Porto (UP), da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (UP) e da FLUL, e tinha como objectivos: i) a criação de uma base de dados relativa à identificação bibliográfica das obras produzidas em formatos alternativos à escrita convencional (áudio, Braille, ampliações, e suporte digital), já disponíveis para o ensino superior; ii) assegurar o regular intercâmbio de material bibliográfico entre as Instituições; iii) partilhar informação, experiências e boas práticas no domínio da satisfação das necessidades especiais dos estudantes com deficiência no Ensino Superior; iv) incrementar o estabelecimento de intercâmbio com estruturas estrangeiras homólogas.

No início do ano de 2001, as instituições que constituem este Grupo de Trabalho estabelecem entre si

um protocolo designado *Protocolo de Cooperação entre Serviços de Apoio a Estudantes com Deficiências Físicas ou Sensoriais em Estabelecimentos do Ensino Superior*, através do qual se comprometem a partilhar experiências e informação profissional e a definir uma política de acção comum, com vista ao desenvolvimento, valorização, reconhecimento, consolidação e reforço da qualidade dos apoios prestados a este grupo estudantil.

O dinamismo deste Grupo de Trabalho fica patente na subsequente adesão de outras IES e outros Organismos envolvidos na temática da pessoa com deficiência. Assim, em Março de 2004, quatro outras IES que passaram a desenvolver intervenção neste domínio, integraram o Grupo de Trabalho mediante a assinatura do referido Protocolo; trata-se da Universidade Técnica de Lisboa (UTL), da Universidade de Évora (UE), da Universidade de Aveiro (UA) e da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). Nesse mesmo ano, a 16 de Junho, o Grupo de Trabalho expande os seus objectivos, passando a integrar a Direcção Geral do Ensino Superior (DGES), a Unidade de Missão, Inovação e Conhecimento (UMIC), como membros observadores, e o Secretariado Nacional de Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência (SNRIPD), como membro efectivo, e adoptando a designação de Grupo de Trabalho para o Apoio a Estudantes com Deficiência no Ensino Superior (GTAEDDES). Entre todas estas instituições foi assinado um protocolo de cooperação. Presentemente, o GTAEDDES é constituído por 13 membros efectivos e cinco membros observadores. Assim, os membros efectivos são o Instituto Politécnico de Leiria, Universidade dos Açores, UA, UC, UE, UL – Faculdade de Ciências, Faculdade de Letras, Reitoria, UMinho, UP, UTL, UTAD e como instituição parceira o Instituto Nacional para a Reabilitação, IP. Já como membros observadores estão a Universidade do Algarve, Universidade Nova de Lisboa e como instituições parceiras a Agência para a Sociedade do Conhecimento, IP (UMIC) e a DGES.

Actividades desenvolvidas pelo Grupo de Trabalho

Ao longo das últimas duas décadas de existência, têm sido, então, diversas as actividades desenvolvidas pelo Grupo de Trabalho, como:

- A partilha de experiências profissionais e difusão de informações inter-serviços relevantes para a melhoria do funcionamento;
- A Planificação e organização de encontros, acções de esclarecimento e formação sobre temáticas de interesse no apoio a estudantes com deficiências, bem como organizar encontros entre serviços de apoio, com vista ao desenvolvimento e melhoria dos serviços;
- O levantamento das condições de acessibilidade na rede de infra-estruturas da acção social das universidades aderentes ao protocolo;
- A Elaboração de um código de boas práticas para o apoio ao estudante com deficiência;
- A atribuição de Ajudas Técnicas aos estudantes do Ensino Superior (2006-2007);
- A elaboração de um catálogo electrónico contende a referência a materiais bibliográficos em formatos alternativos – Biblioteca Aberta no Ensino Superior (BAES), que resultou do trabalho em parceria com as instituições signatárias.

A BAES é uma biblioteca digital com conteúdos acessíveis à comunidade de utilizadores com Deficiência Visual.

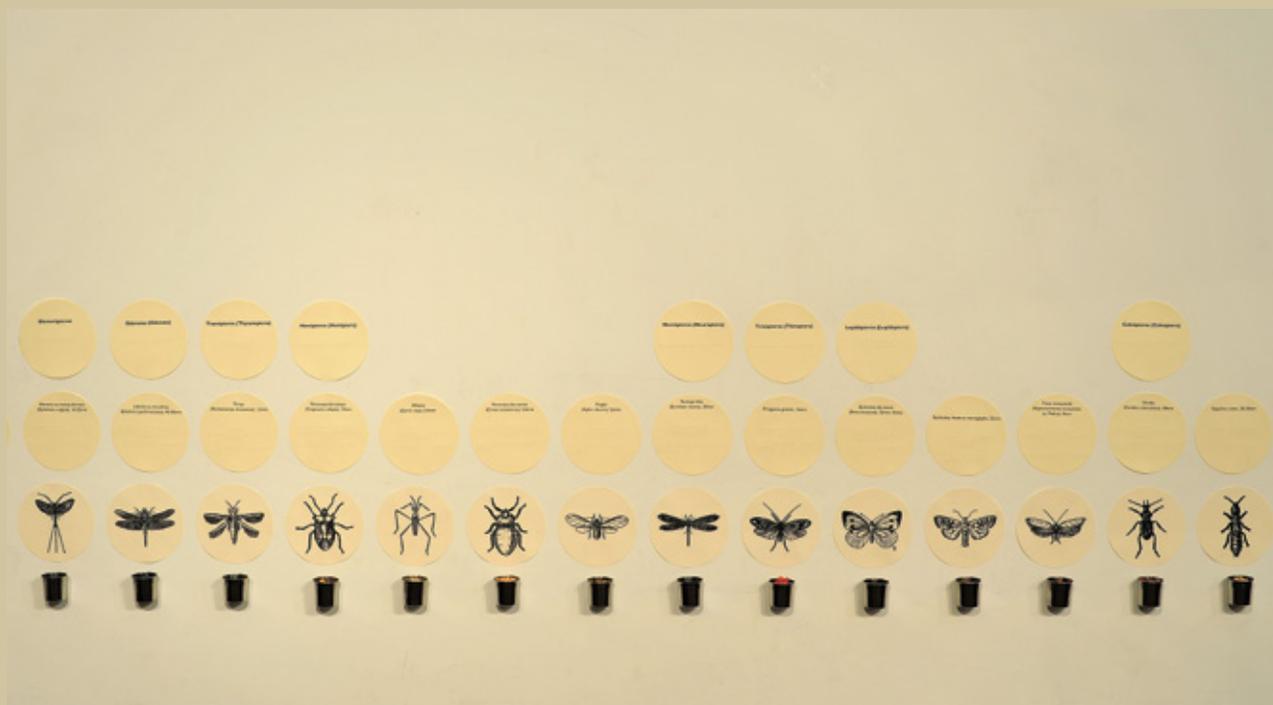
A BAES disponibiliza actualmente 3000 títulos em Braille, áudio e texto integral, na área das Ciências Sociais e Humanas.

A UC participa neste projecto através da cooperação entre o Serviço Integrado das Bibliotecas – SIBUC e a Divisão Técnico - Pedagógica (Apoio Técnico - Pedagógico ao Estudante com Deficiência).

O Gabinete de Apoio Técnico - Pedagógico ao Estudante Com Deficiência dispõe de um posto de acesso para cegos e amblíopes, softwares específicos para a leitura e escrita em Braille, equipamentos mecânicos para deficientes motores tais como: um Teclado inteligente, um Braço articulado, Virador de páginas, Manípulo e Simulador de rato.

Está previsto para o dia 3 de Dezembro de 2010 – Dia Internacional da Deficiência, uma sessão de apresentação do novo espaço do posto acessível a todas as Bibliotecárias da UC.

* Técnica Superior - Gabinete de Apoio Técnico - Pedagógico ao estudante com Deficiência da UC



Clube Robótica 2010

Tiago Caldeira *

O Departamento de Eng. Electrotécnica e de Computadores (DEEC) da Universidade de Coimbra (UC) é um departamento virado para o futuro. Os trabalhos desenvolvidos pelos alunos, em investigação, são diversas vezes reconhecidos, tanto nacional como internacionalmente.

Com o objectivo de melhor preparar os alunos recém-chegados à Universidade e de cativar futuros alunos, sentiu-se a necessidade de criar uma ferramenta de divulgação e formação auxiliar, o qual foi chamado “Clube Robótica 2010”.

Assim, os alunos João Seabra, Luís Filipe, Luís Garrote, Mauro Martins, Paulo França, Pedro Reis e Tânia Barros coordenados por Tiago Caldeira, deram origem a este clube, resultante do apoio tanto do DEEC como do Instituto de Sistemas e Robótica (ISR).

A formação “Introdução à Robótica” foi a primeira actividade, forma de receber os caloiros e convidá-los a participar na equipa. Desta forma, com menos de um mês de vida, o clube já contava com mais de 20 membros, todos com os conhecimentos básicos de robótica.

A convite do Exploratório, criou-se um dia de Robótica, onde 110 jovens entre os sete e 18 anos aprenderam a construir e programar um robô. Um dos grupos participantes nesta actividade solicitou uma parceria para o trabalho da disciplina de Área de Projecto.

A estes alunos do 12.º ano da Escola Secundária Quinta das Flores, em Coimbra, juntou-se outro grupo da Escola Secundária Afonso Portela (Águeda), com o intuito de participar na prova de Busca e Salvamento Júnior no Festival Nacional de Robótica (FNR).

Uma nova fase começou no clube tendo em vista a participação neste Festival. Juntando jovens do Ensino Básico e Secundário com os alunos universitários, foram criadas dez equipas que iriam concorrer nas categorias de Futebol, Busca e Salvamento e Dança.

Assim, no dia 26 de Março, os 40 alunos do projecto rumaram à ExpoSalão – na Batalha, cidade que acolheu a 10.ª Edição do FNR – transportados pela Associação Académica de Coimbra (AAC) e acompanhados pela Televisão da AAC. Todo o trabalho era agora posto à prova. Mais de 100 equipas de todo o país estavam presentes.

A primeira prova a decorrer foi *Busca e Salvamento A*, que consiste num robô a seguir uma linha preta no chão, desviando-se de obstáculos e subindo uma rampa. No piso de cima, este deverá encontrar uma *Vítima* (lata) e resgatá-la. Apesar das dificuldades que a prova suscita, conseguiu-se a qualificação, para a final, de quatro das cinco equipas. Em *Busca e Salvamento B*, a equipa estava igualmente apurada para a final, estando já no mais alto lugar do pódio. Nesta vertente, não havendo linha para se seguir, o robô terá de encontrar e assinalar as vítimas (fontes de calor), enquanto resolve um labirinto.

As equipas de *Futebol Robótico*, divididas em categorias dependendo da idade (8-14 e 15-19 anos) e do tipo do campo (com ou sem paredes laterais), mostravam o seu talento em jogos de dois contra dois.

Apesar do bom futebol praticado, uma das equipas acabou por ser eliminada na fase de grupos, não tendo a oportunidade de chegar às finais. As outras duas equipas uma dos 8-14 anos e outra em Futebol Robótico B (sem paredes) conseguiram avançar para o dia da final.

Na competição de *Dança*, a equipa apoiada pelo ISR, colocou o público em grande euforia. Jess, o nome com que carinhosamente era chamada esta boneca robótica, tinha uma coreografia bem sincronizada e movimentos suaves, interpretando a música “I will survive”. Tendo sido a terceira melhor exibição, foi seleccionada para a final.

Foi aqui que uma das “magias” da prova tomou forma. Samuel Nunes, capitão da equipa de *Dança*, tomou a iniciativa de arriscar tudo e colocar também a cabeça a

mexer. Embora cada movimento desta bailarina tivesse demorado meses a aperfeiçoar, tentou-se inovar.

Após uma longa noite de trabalho, estava tudo pronto para a actuação final. E esta foi um sucesso. O público que enchia a ExpoSalão vibrou com a actuação, puxando pelos jovens artistas, apoiando a interpretação da Jess.

Noutros campos, as finais de futebol não corriam como esperado, acabando por se conseguir duas honrosas medalhas de bronze, bem como o prémio de Equipa Revelação. Em *Busca e Salvamento A*, uma final muito dura, acabou por ditar que as equipas de Coimbra ficassem em sexto, sétimo, oitavo e nono lugares.

Por outro lado, a equipa “RescueB.deec.uc.pt” sagrava-se campeã nacional nesta prova que, pela primeira vez, existiu no campeonato.

Chegada a hora da entrega dos prémios, uma listagem ordenada das equipas foi publicada. Os resultados foram fantásticos: finalmente, todo o trabalho tinha resultado e mais um primeiro lugar – Campeões Nacionais de Dança. Foi um fim-de-semana com poucas horas de sono, em que se conseguiram oito prémios (dois terceiros lugares, dois primeiros e menções honrosas de Programação, Construção, Apresentação e Revelação).

De volta a Coimbra e com o apuramento de três equipas para o Robocup2010 em Singapura, iniciaram-se os trabalhos para melhorar os robôs, bem como a difícil tarefa de recolher fundos para poder representar Portugal. Só com os apoios da Ciência Viva, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC, do BPI, DEEC, ISR e da Critical Software foi possível juntar os 13 mil euros necessários.

Em plena época de exames, os nove jovens partiram para Singapura. Joana Carneiro, Paulo França e Tiago Caldeira como mentores e os alunos Adriana Martins, Beatriz Gonçalves, João Seabra, João Silveira, Samuel Nunes e Sara Carneiro.

Os primeiros dias em Singapura foram de muito trabalho, querendo todos ter a certeza de que os robôs estariam prontos para o Campeonato do Mundo. Estes campeonatos realizam-se todos os anos num país diferente, juntando as melhores equipas do mundo. É considerada a prova rainha da Robótica. Este ano participaram pessoas de mais de 40 países, dos cinco continentes.

O Robocup funciona de forma semelhante ao Festival Nacional, a grande diferença é que além das múltiplas

provas, há oportunidade de conversar e trocar ideias com as equipas de diferentes partes do mundo. Na *Dança* há duas actuações na fase inicial, enquanto no *Futebol* há nove jogos na fase de grupos. Na modalidade *Busca e Salvamento* há seis provas individuais seleccionando o alinhamento para a fase final.

A equipa de *Futebol* não conseguiu passar a fase de grupos, devido aos múltiplos problemas com os robôs.

Já na prova de *Busca e Salvamento B (Rescue B)* conseguiu-se chegar à fase final. Nesta fase juntam-se os finalistas em SuperTeams de duas equipas de países diferentes. A Equipa da UC cooperou com a equipa de Hong Kong, tendo conseguido ser a SuperTeam mais rápida a completar o desafio. Assim sagraram-se Campeões do Mundo em SuperTeam da Prova *Rescue B*.

Já na *Dança*, foi com grande satisfação que vimos a listagem publicada online, que continha as equipas seleccionadas para a finalíssima. Estar nesta lista era, só por si, um motivo de orgulho. Mas, após nova exibição e muitos minutos de suspense, era anunciado o resultado final. A equipa “Jess. ISR.uc.pt” entrava na história do Robocup2010 sagrando-se Campeã do Mundo em Dança (dos 15-19 anos).

Após estes resultados, era tempo de regressar. Embora a notícia já tivesse sido divulgada, em Portugal só os familiares receberam os campeões. Num país que se diz apostar na Ciência e na Tecnologia, as televisões e jornais estavam, em geral, mais preocupados com as “estrelas do futebol”. Ao regressar à realidade, os alunos tentaram compensar os exames perdidos, o que se tornou mais difícil por ainda não haver nenhum estatuto especial.

Após o Mundial, ainda se participou no Campeonato Nacional do Robô Bombeiro, obtendo-se o primeiro lugar na Classe Sénior – Institutos e Universidades.

Fazendo conta às palestras e formações, cerca de 600 alunos deram os primeiros passos na robótica, com uma formação prática. Em Feiras de divulgação e Ciência, mais de 300 pessoas quiseram saber mais.

No próximo ano, o Clube pretende continuar a formar jovens, bem como competir, nomeadamente nos EUA – Campeonato do Mundo de Robôs Bombeiros – e no Robocup2011, a realizar na Turquia, projectos que, infelizmente, dependerão do financiamento.

* Responsável pelo Clube de Robótica do DEEC/FCTUC.



Ao Largo ENTREVISTA RETRATO DE CORPO INTEIRO CRÓNICA LUGAR DOS LIVROS



“Sem uma relação qualquer com o desconhecido perdemos uma dimensão fundamental de nós próprios”

Por Marta Poiares e Pedro Dias da Silva

Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (UC), António Pedro Pita é, também, coordenador do Grupo de Investigação “Correntes Artísticas e Movimentos Intelectuais” do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da UC – CEIS20. Desenvolvendo o seu trabalho no âmbito da filosofia contemporânea, estética e cultura portuguesa (séculos XIX e XX), publicou, entre outras obras, “A Experiência Estética como Experiência do Mundo” (1999), “Conflito e Unidade no Neo-Realismo Português” (2002) e “Transformações estruturais do campo cultural português” (2008; Ed., com Luis Trindade). Em Janeiro de 2008, no seguimento das tarefas que vinha desempenhando como Delegado Regional de Cultura do Centro, assumiu as funções de Director Regional de Cultura do Centro, passando a liderar uma estrutura que abrange uma região com 78 municípios dos distritos de Aveiro, Coimbra, Leiria, Viseu, Castelo Branco, Guarda e Santarém. O balanço dos últimos dois anos considera-o positivo e, de olhar privilegiado, continua a acreditar na política como forma de proteger a cultura e as artes da “voragem da instantaneidade” que impera nos dias de hoje.

Assume, desde Janeiro de 2008, as funções de Director Regional de Cultura do Centro. Que balanço faz das actividades desenvolvidas e coordenadas até à data?

Para mim, faço um balanço positivo. Tenho a noção de que sou um dos principais beneficiários da função e tenho a esperança de que possa haver alguns mais. É claro que não estive à espera de 2008 para entrar neste mundo. Já entrei nele há mais anos, talvez até cedo de mais. O privilégio que é este ponto de observação resulta de ser agora obrigado — e é uma obrigação que acolho com gosto — a articular coisas que, de outro modo, nunca conjugaria, e a de exercer um tipo de reflexão que noutras circunstâncias não faria. Quando, fora destas funções, nos ocupamos das questões de política cultural, podemos ter uma abordagem predominantemente abstracta ou formal, em que temos determinados números na cabeça — uma sala de determinados espectadores por mil habitantes; uma sala com determinadas características por região, distrito ou município... Mas, de cada vez que um responsável autárquico nos apresenta uma proposta de, na sua autarquia, instalar, construir ou requalificar um teatro ou um cine-teatro, a nossa resposta é uma espécie de um concentrado teórico. É preciso meter muitas bibliotecas teóricas numa resposta que é simples, porque há uma série de coisas que ficam imediatamente em jogo.

Tenho expectativas de que o exercício do cargo possa ter consequências porque, desde o início — que para mim é antes, no início de funções como delegado regional —, que privilegio

como questão política central e fundamental de estratégia cultural, a questão do território. É preciso criar condições para que os habitantes deste território, que são cerca de dois milhões, tenham o acesso normal às grandes construções, reflexões e obras artísticas contemporâneas. Portanto, a questão do território é relevante, não só para a questão das Bibliotecas e para rede de leitura pública, mas também para os equipamentos culturais, teatros e cine-teatros, museus, centros de arte contemporânea, lugares onde esse acesso vai ocorrer. Por outro lado, este território é, também, historicamente riquíssimo. Todo ele é uma espécie de estratificação e, às vezes, as várias camadas vão ficando à mostra. Há coisas que estão mais visíveis do que outras mas, entre os campos arqueológicos que estão em actividade, que vão restituir-nos a nossa dimensão histórica a partir de muitos milénios passados, até aos centros de arte contemporânea que estão em projecto, não são muitos mundos. É a mesma realidade. E a ligação disto é interessante e, naturalmente, complicada. Nenhuma destas questões pode ser tocada globalmente, têm sempre de ser tocadas sectorialmente. É mais fácil discutir o tema da definição de itinerários, das ligações entre espaços teatrais ou musicais, pelo lado do concreto, do que entrar nessa questão pelo lado do abstracto, do formal. Trata-se de levar a proposta musical *X* ou a proposta pictórica *Y* a um certo número de salas de toda a região. Por exemplo, o ciclo que estamos a fazer com os órgãos, que pretende pegar em alguns órgãos desta região - objecto de trabalhos de requalificação significativos - e pô-los a tocar fora do contexto religioso. Consegue-se, assim, uma programação musical com alguma regularidade, em articulação com várias autarquias, que privilegia um instrumento que não é dos mais óbvios, mas que é uma parte importante do património musicológico português. Em suma, o balanço para mim é ótimo. Gostaria que o balanço para outros fosse, pelo menos, significativo, nas áreas onde incidimos mais - caso da música, por exemplo. Mas, há também a questão do teatro. E aí, acho que estamos no epicentro de uma zona particularmente interessante.

Além do desenvolvimento da actividade artística, assegurando as infra-estruturas e os meios humanos, a Direcção Regional da Cultura do Centro (DRCC) assume a gestão, conservação e recuperação do património histórico nacional. Reconhece ter os meios suficientes para conseguir levar a bom porto um conjunto tão elevado de atribuições?

Quando definimos um programa de acção, este só não é um conjunto abstracto de intenções se se fizer a equação dos objectivos e dos meios. Ter de se colocar em relação esses dois aspectos era algo que antes já pensava que deveria ser feito e é aquilo que distingue, verdadeiramente, um programa de acção — que se constrói integrando no processo de construção os meios à sua disposição — de um mero conjunto de intenções. Quando existem outros meios, podem ser definidos outros objectivos e há, evidentemente, limiares mínimos, abaixo dos quais não é aceitável. Mas também não é aí que estamos.

Às vezes, não sente uma certa impotência?

Um responsável não se queixa. Muito menos publicamente. Ou consegue reunir os meios que lhe permita fazer aquilo que crê ser possível fazer, ou abandona o cargo.

Reconheceu publicamente que o processo de descentralização cultural em Portugal, iniciado após o 25 de Abril, tem avançado “aos bochechos” e está ainda “longe de ser considerado satisfatório”. Que condições fundamentais faltam criar para que esse objectivo possa ser cumprido?

Essas afirmações foram feitas no ano passado, em Montemuro, no III Festival das Companhias Descentralizadas, e mantenho-as. É importante, desde já, esclarecer o que se entende aqui por processo de descentralização. Nesta área, quando se fala em descentralizar, fala-se sobretudo da criação de condições para a descentralização da iniciativa e da criatividade, não de digressões. Não é fazer passar pelo país o que até agora só acontecia em Lisboa e no Porto, mas antes desenvolver condições para o enraizamento de projectos, sejam eles de criação ou

“Um responsável não se queixa. Ou consegue reunir os meios que lhe permita fazer aquilo que crê ser possível fazer, ou abandona o cargo”

“É indispensável
fazer [...] um
ordenamento cultural
do território.”

de programação. E, para que isso aconteça, é necessário fazer entrar o território nos critérios de decisão, partindo do princípio que a existência de companhias de teatro, de música ou de dança, em determinadas áreas geográficas, é uma questão essencial. É indispensável fazer aquilo a que chamo, desde 2005, um ordenamento cultural do território. Falamos de ordenamento do território sobretudo para as áreas da educação, da saúde ou da justiça, como se não houvesse necessidade de o fazer na cultura.

Mas, haverá certamente situações positivas...

Com toda certeza. Um dos aspectos em que se poderia ter melhores resultados é na área da educação artística, onde há demasiadas experiências inconsequentes, iniciativas sem continuação, ideias que são concretizadas e abandonadas antes de avaliadas. E, quando temos na ciência um magnífico programa [*Ciência Viva*] que mudou, em poucos anos, a atitude dos portugueses relativamente a essa área, é curioso ver que, no lado das artes as coisas não se passaram com uma eficácia idêntica. O que, à primeira vista, é paradoxal, porque se diz que somos mais dados às artes do que à ciência.

A propósito do estudo *O sector cultural e criativo em Portugal*, que em Março concluiu que a cultura cria 2,8 por cento da riqueza gerada em Portugal, o coreógrafo Rui Horta sublinha a ideia de que “a cultura é uma alavanca fortíssima do crescimento do país”. Revê-se nesta afirmação?

Completamente. Só lamento que essa não seja uma evidência mais partilhada. Toda a gente diz que a subscrive mas, em rigor, estou convencido de que não o fazem. Tornou-se um lugar-comum, mas nós precisamos de tirar daí as consequências. Às vezes depreciamos o lugar-comum mas, por alguma razão, determinada afirmação entrou na gíria e se banalizou. Alavanca de desenvolvimento significa que, ao contrário daquilo que durante muito tempo se supôs, com ou sem razão, há um outro tempo para o impacto cultural. Não é só aquele que se faz notar a prazo, sobretudo longo, que foi o discurso sobre a cultura e as artes durante muito tempo, mas que pode ter um prazo curto de eficácia.

Nesse prazo em particular, a formação de públicos encaixa-se na perfeição...

Longa conversa, essa questão da formação de públicos. Quando a Fundação Gulbenkian necessita de adiar a data de encerramento da exposição de Amadeo de Souza Cardoso, quem é que, afinal, a foi ver? Não são *público*? E esta exposição não é uma exposição qualquer! Foi aquela em que ele não se limitou a estar no lugar da invenção da arte contemporânea, mas foi, sim, parte activa nessa invenção. Para mim, isto transforma-se num problema: em primeiro lugar de reconhecer, e depois, de perceber como se resolvem os vários circuitos de mediação. Se tratarmos mal e rapidamente essa questão, não a perceberemos. Aquela afirmação tão simples de que “as coisas boas não têm público” é falsa, da mesma forma que “as coisas más têm muito público” também é. Este tipo de mecanicismo nunca foi do meu agrado — e, atenção, eu comecei pelo marxismo, pelo que sei do que estou a falar [risos] —, nem nunca o subscrevi. Cada vez menos é fácil fazer afirmações simplificadas como estas. O que acontece é que o circuito das mediações culturais, artísticas, económicas ou sociais se complexificava muitíssimo, o que torna a decisão política, na área da política cultural, complicada, porque é preciso estar atento a uma multiplicidade de elementos que há 50 anos nem sequer se faziam notar. Porque razão hoje o orçamento de uma iniciativa dispensa cerca de metade para a sua promoção? Versão mecanicista: “é para a publicidade...”. Mas não. É para intervir positivamente nessa complexidade de mecanismos de mediação. A imprensa é outra coisa. O universo publicitário, ainda outra. E não há iniciativas que existam fora disso. Esse é um lugar sem exterior — embora também haja aqui paradoxos — a menos que este “sem exterior” tenha tanta força que se imponha perante a complexidade dos outros mecanismos de mediação, o que torna as coisas ainda mais complicadas. Agora, o que descobrimos é que é possível fazer uma quantificação dos

resultados imediatos da exposição de Amadeo de Souza Cardoso, ou da Paula Rego em Serralves. Embora não seja fácil, é possível perceber porque razão o Museu Guggenheim de Bilbao mudou a cidade. Da mesma forma que, um exemplo que refiro muitas vezes, pois acho extraordinário – no sentido rigoroso da palavra –, que é o modo como Santiago de Compostela pegou nos *Caminhos de Santiago*. É um exemplo de uma cidade que agarrou num programa europeu dos Itinerários Culturais e tornou-o – obviamente diríamos nós hoje, embora o óbvio só o seja depois – no primeiro itinerário cultural europeu, reconhecido pela Comunidade Europeia.

Na reflexão *Cidade, Arte E Política: Valor Estratégico da Cultura* que escreveu em Fevereiro de 2008 afirmava que, “se a cultura precisa de uma política é para resistir às múltiplas hipóteses de erosão”. Dois anos mais tarde, continua a pensar da mesma forma? Que “erosão” é esta?

É a pressa, a impaciência, o rápido, o instantâneo... Essa “erosão” é aquilo que não só não nos dá o tempo necessário para a experiência estética, como transforma essa imediatividade em critério de decisão. Mas, tenho que explicar porque é que isto não é contraditório com o que dizia antes, relativamente ao impacto imediato. Estou convencido de que o tempo que é necessário para a experiência estética do espectador, é o razoável enigma, porque, por um lado, tudo aquilo que fazemos e aprendemos está concentrado no momento em que a experiência ocorre – no momento em que se vê um filme, um quadro ou lê um livro. Mas, essa concentração faz com que deva ser levada a sério a ideia de que esses são processos de uma grande complexidade, logo precisam de muito tempo. No entanto, o que acontece é que, por várias condições, que são da ordem do político, do social ou do económico, há hoje da parte de muito mais gente do que aquilo que supomos, uma disponibilidade para isto. Não duvido que um grande número das pessoas que foram ver as exposições que referi, são destas pessoas, nem duvido que as possam ter visto mais do que uma vez. Portanto, essa “erosão” é tudo aquilo que não só nos impele ao imediato, como faz disso um critério. E porque é que para combater isto é necessário uma política da cultura? Precisamente para segurar essas coisas e dar possibilidade à experiência, ao erro, e a que uma coisa possa ser feita segundo exigências que são as exigências próprias do criador artístico. O que foi dito anteriormente em relação à questão da “alavanca (...) do crescimento do país” não é contraditório com isto: há múltiplos tempos! E quando se diz que há uma eficácia de algumas coisas, não é dizer que há uma eficácia imediata de todas as coisas e, muito menos, é dizer que só contam as coisas que têm eficácia imediata. É para preservar esta multiplicidade de tempo que a política na área da cultura deve existir, porque senão a cultura e as artes são engolidas e trituradas nessa voragem da instantaneidade.

Encerrando esse mesmo texto, escrevia uma frase que, de forma poética, resumia a sua visão para a questão que abordava: “Nós precisamos da cultura para nos descobrirmos como possibilidades e desenhar um rosto improvável em que, outros, nos reconhecemos”. Acho que sem a Cultura a Humanidade está condenada a uma existência vazia?

Acho que sem uma relação qualquer com aquilo a que chamamos o desconhecido perdemos uma dimensão fundamental de nós próprios – esse desconhecido teve formas ou expressões diferentes ao longo do tempo, sendo a arte apenas uma delas. Mas também aí, as minhas razões para ser optimista não são grandes, porque tudo *conspira* hoje, acho que de todos os lados, já que o mundo contemporâneo está repassado de informação e conhecimento. Acho que, apesar de tudo, quando falamos do desconhecido nos referimos ao não conhecido. A nossa informação é avassaladoramente completa. Lidamos mal com coisas que nos podem trazer o desconhecido, por exemplo, um acidente, em que levantamos as questões “o que é que correu mal?”, “quem é que falhou?”. Mas, um acidente é isso mesmo. Se tudo corresse bem, não existia. Esta noção de que o acidente, que é um longo problema filosófico, é alguma coisa que se deve a algo que não correu bem, é um



“A importância da cultura não resulta de ela produzir cidadãos conscientes dos seus direitos e sobretudo, dos seus deveres.”

dos modos que encontramos para extirpar essa relação com o desconhecido. Percebe-se porque é que, contra tudo o que seria dificilmente imaginável há 20 ou 30 anos, o final do século desembocou no renascimento das religiosidades. Porque aí está um dos lugares de uma relação possível com o desconhecido, sob a forma do sagrado. Há, em múltiplos discursos, a ideia de que o desconhecido é uma espécie em extinção. Ora, a cultura sempre foi a relação com o desconhecido e, particularmente as artes, sempre foram um modo de lhe dar forma. É algo que nos faz colocar à beira de um limiar que não somos capazes de circunscrever. Há muita gente que passou ao lado de Mozart ou da poesia de [Fernando] Pessoa e, às vezes, há uns discursos pérfidos que dizem “e não lhes sentiram a falta”. Esta última parte é que não sei se é verdade. É um facto que há muita gente que passou ao lado de “O Mundo a seus pés” de Orson Wells ou de Bach, e que há uma singularíssima intensidade da existência de quem passou *por dentro* de Bach e de Pessoa. Agradeço que se tenham referido à minha frase como sendo poética, mas o que quis ser foi rigorosamente descritivo. Não faço esse juízo de valor de quem nunca ouviu Monteverdi e não sentiu a sua falta. Agora, a travessia da música de Monteverdi ou a da poesia de Eugénio de Andrade traz ao seu consumidor uma intensidade de existência que o desloca até de si próprio. E esse deslocamento de si é uma das questões mais pertinentes, já que a cultura sempre foi o lugar onde houve isto tudo...

Sempre tive muita dificuldade em subscrever o discurso edificante sobre a cultura — “as pessoas, quando são pequeninas, devem ouvir muito Mozart e ver muitas peças de Shakespeare, porque a educação artística e estética é necessária para que venham a converter-se em melhores cidadãos...”. E, não sei como é que se pode dizer isto quando a cultura mais apurada do séc. XX produziu o nazismo. A importância da cultura não resulta de ela produzir cidadãos conscientes dos seus direitos e, sobretudo, dos seus deveres. Esse elemento edificante da cultura é só mais um entre outros e, a meu ver, não é um dos aspectos mais interessantes. Existe um texto onde Jorge de Sena se refere à *Geração de 70* e, em particular, à poesia do Antero [de Quental], onde a dada altura faz a glorificação das suas qualidades patrióticas, enaltecendo-o enquanto orador e revolucionário, mas chamando igualmente à atenção para o facto de, quando se falar da poesia de Antero se referir o grande poeta que ele foi, porque a poesia reduzida à educação cívica é uma chatice. Passa-se um pouco o mesmo em relação à cultura. E, além de ser uma chatice, suspeito que não é verdade. O que temos de mais importante do lado da cultura e das artes — que encaro como coisas distintas, pois a cultura é implosiva, centrífuga e as artes são, se quisermos dizer, explosivas e centrípetas — é expormo-nos, voluntariamente ou não, à eficácia dessas forças explosivas.

Como encara uma das hipóteses avançadas para a reestruturação dos Saberes da UC que sugere a criação de uma Faculdade de Arquitectura e Artes que, além do curso de Arquitectura, englobaria cursos actualmente ministrados na Faculdade de Letras da UC?

Vejo com interesse. Quando frequentei o curso de Filosofia da FLUC, entre 1975/76 e 1981, este tinha uma estrutura interessante: quatro disciplinas por ano, sendo duas de Filosofia, a nossa especialidade; uma outra que era chamada de sub-especialidade, uma área de estudos que se escolhia no primeiro ano e que deveria ser frequentável com uma cadeira cada ano até ao final do curso; uma cadeira livre que o aluno podia escolher entre todas as cadeiras oferecidas pelos cursos da faculdade. Este foi o resultado de uma primeira proposta, um bocadinho tímida e que acabou por não ter seguimento, que dizia que essa cadeira podia ser escolhida entre todas as cadeiras ministradas na UC. Esta noção é a de considerar o universo do saber de geometria múltiplamente variável, segundo a qual não há estruturas fechadas instituídas à partida e segundo o qual um percurso universitário é algo que, em grande parte, está dependente do interesse, da vocação, da ignorância ou do gosto de cada aluno. Por razões muito compreensivas, do ponto de vista histórico, as universidades portuguesas nunca dedicaram grande interesse às áreas artísticas como tal. Esse interesse é relativamente recente e a sua consagração só pode ser produtiva.

Abílio Hernandez Cardoso referia num artigo publicado em Julho no suplemento Ípsilon, do Público, que Coimbra viveu durante muito tempo à sombra da universidade e que isso é um problema que não está totalmente resolvido. Acha que a cidade ainda vive à sombra da UC e que isso se reflecte na sua dinâmica cultural?

Não é uma questão de concordar ou discordar, mas entraria na questão por outro lado. Parece próximo, mas creio que há aqui nuances que são importantes. O facto de Coimbra ser uma cidade, vamos admitir, universitária, significa que é uma cidade de média dimensão, cujo desenvolvimento está muito ligado àquilo que são os prolongamentos de uma presença significativa da universidade. Com isto não estou nem a tentar complicar, nem a tentar fugir à questão, mas a dizer que o que parece ser indispensável, deste ponto de vista, é concretizar melhor esses elementos de ligação. É dar-lhes uma eficácia e uma contemporaneidade. E quais seriam as consequências de caracterizar Coimbra como uma cidade universitária? Desde logo, compreender que o modo como ela se pensa a si própria em termos de futuro seria, inequivocamente, marcado por determinadas ligações e prolongamentos do ensino, da docência ou da experiência universitária. Não foi isto que aconteceu. Vejam a dificuldade com que o mundo extra-universitário — a cidade, como gostamos de dizer — chegou a coisas como uma companhia de teatro profissional, uma diversificação dos equipamentos culturais, uma sustentação de experiências artísticas mais diversificadas ou uma presença de outras áreas artísticas. Houve aí uma insuficiência que é traduzida pela expressão “à sombra de”, mas parece-me que a questão não é exactamente essa. O diagnóstico que tenho feito ao longo de muito tempo aponta no sentido de que, continuar nessa linha impede-nos de ver e perceber que houve alterações muito significativas nos últimos anos recentes.

Nesse mesmo artigo [“Coimbra não sabe para onde vai — e por isso não vai a lado nenhum”, Sandra Silva Costa, Ípsilon, 16.07.2010] sublinha-se a ideia oposta...

Matérias como essa, expressões como as que se encontram nesse artigo impedem que se perceba o que de facto aconteceu. Na área do teatro está instituída a profissionalização, a diversificação de propostas artísticas e de equipamentos e de programas desses equipamentos. Há um trabalho de requalificação histórico-patrimonial e uma presença da arquitectura contemporânea na cidade, que é muitíssimo significativa, bem como uma relação privilegiada entre esses dois universos. Por outro lado, a projecção internacional de aspectos ligados a este último item é relevante, bastando olhar para o prémio *Europa Nostra 2010* atribuído à requalificação do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha. Sem que se tenha notado muito, também o ensino na área das artes mudou significativamente. Não só com os Estudos Artísticos na FLUC, mas também com o curso de Teatro e Educação, da Escola Superior de Educação de Coimbra, e a relação dos seus alunos finalistas com a companhia de teatro O Teatrão. O aparecimento de cursos de teatro em escolas, voltados directamente para a actividade profissional, como é o caso do Colégio de São Teotónio, a permanência de estrutura como o Centro de Artes Visuais ou a louvável renovação próxima do Centro de Artes Plásticas de Coimbra, caracterizam igualmente uma situação que já não é de todo a mesma de há cinco anos. Embrulhar tudo isto em referências vagas não permite esclarecer nem ver nada com clareza. Não queria fazer aquele discurso provinciano, de uma alta satisfação absurda, pois não é disso que se trata. Mas, do ponto de vista cultural, há uma transformação da cidade que me parece perceptível por quem tenha alguma atenção ou alguma competência — ser competente em relação ao que se fala, não é propriamente uma grande exigência, e aqui refiro-me ao artigo supramencionado. É por essa razão que afirmo existir uma relação forte com a universidade mas que, paradoxalmente, em alguns casos, ainda devia ser mais intensa. Embora admita também que, noutras situações, os agentes da cidade descansaram durante muitos anos na actividade artística dos organismos autónomos da Associação Académica de Coimbra, ligados à música, ao teatro, etc.. Essa fase parece-me, não só, ultrapassada, como afastada daquilo que é a novidade dos dias de hoje.



Beatriz Gomes

Mens sana in corpore sano

Marta Poiares

A ligação de Beatriz Gomes foi ao desporto mais do que à primeira vista. A primeira portuguesa a conquistar um título absoluto de campeã do mundo em canoagem, em Setembro de 2009, praticou outras modalidades (natação, basquetebol, ginástica), mas elegeu este desporto náutico como um modo de vida absoluto. Até ao momento, foi 44 vezes Campeã Nacional em diferentes competições (função, promessas, pista e maratona) e escalões. Tem representado Portugal a nível internacional e, entre Campeonatos da Europa e do Mundo de Pista e Maratona, já alcançou seis medalhas. Beatriz Gomes tem apenas 30 anos e conta já mais de 20 dedicados à canoagem.

Com uma mãe professora de Educação Física e um pai praticante de várias modalidades – entre eles, a canoagem –, a atleta imagina que tenha iniciado a prática deste desporto ainda antes de nascer ou que, em miúda, tenha dado alguns passeios de caiaque, a reboque. Escolheu a canoagem, muito por conciliar o esforço da prática desportiva com a paz e a tranquilidade advindas do contacto directo com a natureza, podendo ir para sítios a que, de outra forma, não teria acesso. Não muito depois disso enveredou pela prática desportiva com vertente competitiva: aos dez anos estava inserida no Sport Clube de Aveiro e aos 14, depois de já ter participado nalgumas competições regionais e nacionais, os resultados permitiram que viesse a integrar a Selecção Nacional.

A competição está-lhe no sangue e a derrota, essa, considera-a essencial: “Quando era mais pequenina, já queria ganhar, mas não me considero má perdedora. Faço tudo e luto para ganhar, e para que

isso aconteça, tenho de dar hipótese aos outros de me ganharem. Há uma série de variáveis em jogo e muitos imponderáveis. Claro que uma pessoa estuda isso, mas é a luta que é interessante. A derrota tem de ser vivida como a vitória. Quando se atinge a meta pretendida, é óptimo, mas é no percurso que está a diversão”, garante a canoísta.

Se as derrotas lhe são essenciais, as vitórias abundam na sua história. Apesar de não se lembrar do primeiro prémio que ganhou, tem gravada na memória a primeira prova de canoagem que fez: “Foi em 1989, em Vila do Conde. Lembro-me que virei e consegui que me ajudassem a subir de novo para o barco e acabar a prova”. Das recordações mais vivas guarda a participação nos Jogos Olímpicos de Pequim 2008, em que conseguiu o 11.º lugar (em K2 com Helena Rodrigues), e o facto de ter sido campeã do mundo, em 2009, expoentes máximos da carreira desportiva. “Sempre vi a participação nos Jogos Olímpicos como algo quase inatingível. Ter conseguido o apuramento foi um sonho. Na altura, não pensava prosseguir na alta competição muitos mais anos, devido à carreira profissional, mas aquela conquista estimulou a minha vontade de continuar”, conta Beatriz.

Para a atleta, não existem extremos na competência desportiva: “Uma pessoa tende a pensar que é boa ou não é boa, mas não é bem assim. Há sempre hipótese de melhorar, no desporto. Vai-se construindo, orientando e tomando opções de maneira a ir ao encontro dos objectivos. Não tem só a ver com quilogramas, mas sobretudo com perseverança”. Se houve alturas em que a confiança tremeu? “Claro. Duvidei, algumas vezes, se tinha qualidades





para continuar... Depende de toda uma envolvimento específica. Nem todos os anos desportivos são bons. Mas como nunca estive só dedicada à prática desportiva, quando as coisas não corriam bem nessa área, empenhava-me nas outras”.

Licenciada em Ciências do Desporto e Educação Física pela Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (FCDEF) da Universidade de Coimbra, Beatriz Gomes começou a dar aulas no Instituto Universitário Dom Afonso III – Loulé, onde se manteve por dois anos. Malabarista de actividades, na altura comprou uma carrinha e logo no primeiro ano fez mais de 60 mil quilómetros: “Vinha todos os fins-de-semana participar em provas”. Depois, concorreu para o lugar de professora auxiliar na FCDEF-UC, onde acabou por ficar, em 2005. O regresso a Coimbra era importante para si. Atletas durante muitos anos do Clube Fluvial de Coimbra (de 1996 a 2002), clube que actualmente voltou a representar, foi também nesta cidade que estudou: “Independentemente de qual seja, o local onde estudamos é sempre especial. E a UC é uma instituição muito prestigiante. Para além disso, Montemor-o-Velho, aqui bem perto, é onde está o Centro de Alto Rendimento de canoagem, onde treino. Estar cá é ouro sobre azul”.

Como docente, passou por diversas unidades curriculares, mas actualmente lecciona as disciplinas de Cinesiologia, Biomecânica e Estudos Práticos de Canoagem. De olhar privilegiado sobre uma nova geração desportiva, diz ser complexo avaliar uma atitude geral, mas acima de tudo, conclui que “são jovens, com tudo o que isso implica”. “Actualmente, embora haja mais gente que pratica actividade física, aqueles que têm prática competitiva habitual estão a diminuir. O número de alunos talvez seja menor, mas o empenho é enorme. Vêm-se numa actividade profissional ligada ao desporto e isso é fundamental”.

Para além de docente e atleta, Beatriz Gomes finalizou, em Julho de 2008, o Mestrado em Biocinética, e desde 2009, é doutoranda em Ciências do Desporto na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Na confusão dos dias, garante que consegue

conciliar todas as tarefas de forma eficaz: “É necessário haver disciplina, persistência, esforço árduo e a capacidade de ambicionar e lutar por todas estas metas”. A canoísta treina todos os dias, habitualmente duas vezes por dia, excepto à quinta e ao domingo em que realiza apenas uma sessão. Costuma estar na água entre as 7h30 e as 9h30, dependendo dos horários que tenha para esse dia. Depois de uma hora/hora e meia de treino, é a vez de dar lugar ao trabalho na Faculdade. Ao final do dia, segue-se mais preparação física, com ginásio, corrida ou natação. No entanto, o fôlego de Beatriz não se esgota: “É algo que se vai construindo anualmente. Vou criando rotinas e hábitos, pois o desempenho e a performance física não aparecem de um dia para o outro”. Parte essencial para que corpo e mente não falhem, é o apoio de quem a rodeia: “Sozinha não conseguiria. Envolve muitas pessoas: a família, os colegas da faculdade, a Federação Portuguesa de Canoagem... Toda a gente incentiva e apoia para que continue a fazer tudo”.

No final das 24 horas, quem é, então, Beatriz Gomes? “Não há muito espaço para mais nenhuma Beatriz. Somos aquilo que fazemos e eu tenho a sorte de fazer o que gosto. Sou a Beatriz atleta, estudante e professora. E chega [risos].”

O futuro está sempre na porta ao lado e o tempo de Beatriz, até Agosto do próximo ano, personifica o caminho até ao apuramento para os próximos Jogos Olímpicos. Lá, há outros tantos caminhos a percorrer, sem pausas. Há meta à vista? “Em alta competição, talvez os Jogos Olímpicos de 2012 sejam um limite a ser estabelecido. Mas praticar canoagem é para a vida. A prática desportiva fará sempre parte dos meus dias, seja canoagem ou outra forma de actividade física. Não vai ser fácil deixar”, confessa.

Uma Galeria no planeta Book Covers

António Barros

Se começarmos por inventariar quantas galerias e espaços de exposição existem em Coimbra, e recuarmos aos anos 90, rápido nos apercebemos de como a oferta era exígua. Então como colmatar de *modo rápido*, e financeiramente exequível, suportes para dar expressão ao que convulsivamente se produzia, mormente no país, no domínio das Artes Plásticas? A Universidade de Coimbra, (UC), ousou ensaiar um caminho para a resposta – o de expor peças de Arte Contemporânea na capa dos seus próprios livros.

Mau grado a UC nem sempre ter reunido oferta de formação para a Cultura Visual, não foi isso razão suficiente para a retirar do que é hoje a história (dos arquipélagos mais nevrálgicos) da Arte Contemporânea de saber Plástico.

Do referido, julgo não ser excessivo enunciar que este privilégio muito deve às dinâmicas sinergizadas (nas últimas cinco décadas) mormente pelo CAPC, Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra (o *Círculo*), como mesmo o seu proliferativo efeito de *contaminação* sobre a comunidade universitária, sensibilizando-a para os nutritivos efeitos da Arte.

Ao colhermos da estante um dos primeiros livros da próspera produção de Boaventura de Sousa Santos, logo encontramos em “A crítica da razão indolente – Contra o desperdício da experiência” (prémio Jatubi 2001), na capa do livro, uma feliz revisitação à obra inédita de Pedro Cabrita Reis “Silêncio e Vertigem”, co-produção do CAPC (Ciclo: “A Arte das Ideias, As Ideias da Arte”) com a Revista Via Latina, em 1990.

Se ao referir “Silêncio e Vertigem” logo convocamos a identidade do CAPC dos anos 1990, tudo mais nos orienta no sentido do que resultou como o perfil das linhas orientadoras que, para o *Círculo*, fez assumir nessa temporalidade particular.

Como organismo da Academia, património vivo da Universidade, um dos propósitos dominantes do *Círculo* de então foi galvanizar uma actividade partilhada com as demais unidades da comunidade académica.

Assim, a Bienal Universitária de Coimbra, os Encontros de Fotografia, o Curso de História da Arte da Faculdade de Letras da UC, o TAGV, a Revista Via Latina e a RUC, Rádio Universidade de Coimbra (com o programa do CAPC “Círculo Branco num Quadrado Negro...”), foram as parcerias dominantes (porque também lugares de estudo e aplicação de uma então latente Cultura Visual na UC), e onde o *Círculo* fez-se apresentar significativamente interventivo. Mas estas relações não se reservaram então à UC, tendo o *Círculo* estabelecido programas também com a Fundação de Serralves, Goethe Institut, e mesmo com as Universidades do Porto e Lisboa.

O CAPC abriu então as suas portas (oficinas, galerias e programação) aos potenciais artistas, investigadores e projectos, mas vem a surgir, fundamentalmente, como estrutura não ensimesmada, mas de formação complementar, experimental e prática da, e na, universidade – um suplemento reforçador contribuindo assim para contrariar a teoricidade dos currículos académicos então vigentes na UC.

É nesta contextualidade que, no espaço do *Círculo*, se di-



namizaram múltiplos eventos pluridisciplinares merecendo a passagem (com presença viva no lugar do CAPC), e para além de múltiplos formadores conceituados, de nomes de referência artística e performativa como Meredith Monk, Joel-Peter Witkin, Rolf Lobeck, Kazuo Katase, Mineo Aayamaguchi, Robert Schad e Wolf Vostell.

O Ciclo “A Arte das Ideias, As Ideias da Arte”, iniciativa antológica da melhor produção portuguesa na época (apresentando artistas como Leonel Moura, Rui Chafes e Pedro Cabrita Reis), e outros exemplos como o simposium sobre a obra de Joseph Beuys, confrontavam o visitante com a melhor produção trazida pela História da Arte Contemporânea. O Ciclo “Bauhaus” foi disso também um exemplo. Exposições, filmes, ateliês, conferências e publicações (como: “Fotografien Bauhaus-Dessau • Erich Consemüller”, num estudo de Margarida Amaro), mas também cursos propedêuticos, galvanizando e preparando os alunos aspirantes a uma formação superior especializada.

Nesta territorialidade (da aclamação da Arte Contemporânea em suportes alternativos), tive ainda oportunidade de conduzir uma experiência primeira

(formulada na malha operativa e em suporte de compromisso editorial) no SDP, Serviço de Documentação e Publicações da Universidade de Coimbra (1979-2003).

Na alçada do então reitor Ferrer Correia, iniciou o SDP [criado pelo D.L. n.º 536/79 de 31/12, tendo sido igualmente implementado na altura o mesmo Serviço nas universidades de Lisboa e Porto.] as suas actividades em 1980, conduzido por Maria Antónia Amaral e Isabel Patrício.

Em 1992 é Ilídio Barbosa Pereira quem dá continuidade à coordenação, e é nesta sinérgica temporalidade, em 1996, que aí chego e lança-se (no âmbito da assessoria à Pró-Reitoria para a Cultura conduzida por Abílio Hernandez no reitorado de Rui de Alarcão), um projecto que contemplava, entre outros, fazer do rosto do renovado Prospecto da UC uma *montra de cultura visual* para a comunidade universitária.

Surge então uma *Galeria* (em suporte capa de publicação a 21x21cm) e assim, em oito anos consecutivos, tivemos uma colecção reveladora de valores da arte da fotografia como: Debbie Fleming, Domingos Alvão, Paulo Mora, João Armando Ribeiro, António Bracons, João

Luis Azevedo, Varela Pêcurto e Delfim Ferreira. Também no âmbito programático do SDP, múltiplas outras experiências foram ensaiadas com sucesso nesta gramaticalidade visual (sempre identitariamente marcada pelo suporte 21x21cm), e onde vem a surgir exposta, em capa, a singular escultura “Fui Tirado de Dentro de Mim”, de Rui Chafes (rendibilizando a obra gerada na iniciativa “Alquimias, dos Pensamentos das Artes”, peça hoje sediada, para fruição pública, na Faculdade de Farmácia da UC por oferta da ANF em 2000).

Sublinharia contudo a publicação “Universidade de Coimbra, Cursos e Perfis Profissionais”, que na sua capa enunciou a *arte pública* ofertada pela Academia à cidade de Coimbra (aquando a presidência de Fernando Guerra, DGAAC), – a obra “Cogito” de Pedro Cabrita Reis (evocativa escultura de *conhecimento* para um *lugar do conhecimento*, e que mereceu, [e para além da assessoria de produção: CAPC/VL], uma catalogável edição na revista Via Latina).

No corpo desta publicação “Cursos e Perfis Profissionais...” (vocacionada para a sensibilização e orientação de potenciais públicos para uma formação de índole universitária) surge então uma visitação museológica original à Arte Contemporânea.

Aqui a narrativa plástica parte de um diálogo conjugado do escultor John Robinson que (numa mostra de seis peças) nutre a fundamentação da sua obra com as essências da Matemática. Mas aí muitos são os artistas que logo sucederam a convocar os novos alunos para a territorialidade das Artes Plásticas e o seu contributo na formação para a cultura.

J. Kosuth, Lex Drewinski, Stelarc, Ana Hatherly, George Segal, Wolf Vostell, El Lissitzky, Guillaume Apollinaire, Brancusi, George Segal, Yves Klein, Pablo Picasso, Pedro Cabrita Reis, Silvestre Pestana, Rui Chafes, Fernando Alvim, Paula Rego, Rui Orfão e Philippe Starck, são alguns dos autores enunciados cujas obras, com original didactismo, provocavam uma exploratória visitação ao imaginário vocacional de cada especialidade.

A pintura de Paula Rego, na capa da monografia de

apresentação do TAGV (1999), é outro exemplo contributivo (entre muitos) da afirmação da Arte Portuguesa de hoje na constelação de publicações (de vigor visual e decidido diálogo plástico) que o Teatro Académico bem editou nos anos 1990.

Foram múltiplos os valores então enunciados dinamizando assim os mais diferenciados suportes de edição e mostra envolvente do conceito *Cover*. Os desenhos de Manuel Graça Dias, José Maria Sicília, Pedro Cabrita Reis, Nacho Criado, as estereografias de Celeste Cerqueira e Silvestre Pestana, assim como as imagens fabricadas com estenópios resultante dos ateliês de João Armando Ribeiro, são apenas alguns dos momentos então aí pautizados e chegaram mesmo a estar ao vivo no TAGV.

Mas a então revigorada revista da Academia, a Via Latina, não deixou também de estar presente nesta exploração contributiva. Nas suas capas surgem então obras inéditas de Pedro Proença, Catarina Baleiras, Ana Salazar e Julião Sarmento a anunciar que no seu interior conteúdo muitos outros valores aí surgiam vigorosamente expostos.

Pedro Calapez, Alberto Carneiro, Leonel Moura, Manuel Rosa, Ilda David, António Palolo, Fernando Calhau, entre muitos outros, lá estavam enunciando múltiplos momentos de orgulho da Arte Contemporânea nacional.

Concluído o programa do SDP surge na UC, com o reitor Seabra Santos (que votou uma nova “*rua larga*” para a UC), a DRIIC, Divisão de Relações Internacionais Imagem e Comunicação (2003-2010), agregando o domínio DP, Documentação e Publicações [criado por despacho reitoral n.º 15949/2003 (2.ª série), publ. D.R. n.º 188 de 16 Ago. 2003.], e mais tarde o GCI, Gabinete de Comunicação e Identidade (2005-2009), unidade em si integradora do IVE, Identidade Visual e Edições [criado por despacho reitoral n.º 2/2005, de 13 Jan.].

Com coordenação executiva de Rafael Agostinho, o GCI edita então múltiplos suportes de imagem, e a ilustrar a fórmula aqui estudada (a da Arte Contem-

porânea no rosto das publicações), sublinho a “Bússola 2009” com capa de “O Homem do Milénio” (2000), escultura humana do colectivo catalão La Fura dels Baus, obra de arte perecível, única, que registei em Barcelona na entrada para este milénio.

Resultaria desta marca, razão identitária capaz de enunciar os propósitos programáticos deste Gabinete, daí alvorando uma matriz para um novo tempo.

Mas muitos outros artistas logo tiveram presença cártica na programação GCI. James Turrel, Marcel Li Antúnez, Erwin Reld, Stelarc, Eduardo Kac, Kenji Yanobe e Yves Klein são apenas alguns dos múltiplos exemplos com obra afirmada nas publicações deste gabinete.

A Semana Cultural da UC (dignamente requalificada por João Gouveia Monteiro), na sua edição de 2005 proporcionou-nos também outra revelação ímpar: Fernando Alvim.

Este pintor angolano, de origem lusa, foi classificado pela crítica como o Basquiat de língua portuguesa, e a par de uma exposição antológica no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Alvim chega a Coimbra graças à *ênfatisação* dada por uma capa editada neste evento da Universidade – VII Semana Cultural vocacionada para a cultura Lusófona.

Ao assumir a Edição de Imagem de publicações como a Rua Larga, Revista da Reitoria da UC, fiz também por eleger neste projecto editorial convulsivas abordagens à Arte Contemporânea, mormente as vivenciadas na moldura da cidade de Coimbra.

54 Para seu rosto surgiu assim a expositiva presença de Pedro Cabrita Reis, José Aurélio, Herwig Turk, Mario Merz e Rui Chafes (vindo este último a ser contemplado com um catálogo inédito editado na Colecção “Olhares” da IUC).

A Agenda Cultural da UC valeu também um gesto particular: o de dar à efeméride dos 50 anos do CAPC (1959-2009) uma sinalização inédita, colocando na sua capa as já históricas cadeiras-*collage* de Armando Azevedo – um dos mais originais agentes performativos da comunidade do *Círculo* nos anos 1970.

Mas trabalhos de outros artistas (*em capa*) surgiram nesta agenda, como foi o caso de “Entre os Actos” de Catarina Saraiva, ou “Vertical Roll” de Joan Jonas, entre outros, contribuindo assim para que uma capa não resulte nunca um suporte passivo.

A DIIC, Divisão de Identidade Imagem e Comunicação [criado através do Regulamento n.º 423/2009 com despacho reitoral de 30 Set. 2009, com publicação em D.R., 2.ª série - n.º 208 de 27 Out. 2009.], obra consequente aos anteriores projectos comunicacionais (hoje conduzida por Henrique Madeira), traz agora os desígnios da imagem com progressivas evoluções, como também um empenhado elemento de afirmação identitária. Aí, a Arte Contemporânea se insinua de novo, e a todo o tempo, contributiva e vigorizada. Leva assim a DIIC (como antes já o fizera o GCI), e para além das emissões de marca da UC, a assumir também o design e produção gráfica de todas as publicações que são edição do Gabinete do Pró-Reitor para a Cultura da UC (e onde a Arte de hoje bem se expressa na atenta directoria de José António Bandeirinha).

Sublinhe-se nesta continuidade, e como edição da DIIC, a consagrada obra “Fractal” de Ernesto Melo e Castro, face de “E(i)mergência da Complexidade”, Museu da Ciência, UC, mas também revelações como António Luís Campos, cuja obra é o rosto das publicações sintonizadoras da geração (2010 - 2011) agora chegada à UC.

Para concluir este alinhamento de visitas (que em si não esgotam, de todo, o universo de experiências contidas neste domínio de exploração na UC, onde as capas das publicações mostram arte contemporânea), sublinho ainda uma acção que se afirma hoje sólida e continuada. A colecção “Ciências e Culturas” da Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC). Programa da responsabilidade do CEIS20, Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, tem coordenação de João Rui Pita e Ana Leonor Pereira – elemento interventivo do CAPC no domínio das artes performativas (“Ecologicamente”, GICAPC) nos anos 1970.

Este projecto editorial iniciado em 2006 (na directo-

ria IUC de José de Faria Costa, vigorosamente continuado por João Gouveia Monteiro, iniciativa sempre com o entusiasmo de Maria João Castro), tem já 16 títulos publicados, e reúne a particularidade de instalar na capa de cada livro uma *sala* (de 17x17cm e suporte expositivo em *parede* branca) resultando numa autêntica *Galeria* de Arte.

Com curadoria da IUC, esta *galeria* (de porta aberta, acesso gracioso, móvel, itinerante, e paragens para exibição quando se faz ancorar em escaparates de diferentes geografias livresas) dinamiza, de uma forma conjugada, a *difusão de obra* de artistas com provas dadas e incontornável reconhecimento no panorama da Arte Contemporânea, mas, e mormente, a revelação de novos valores da geração emergente, como também artistas de obra meritória mas relativamente desconhecida do público.

António Dantas, artista de valor singular no domínio do “Visualismo Português”, fundador do Projecto “Porta 33”, depois de uma significativa presença na ARCO de Madrid, vem a merecer revelação logo na primeira exposição desta *galeria*, ou seja: na capa do primeiro livro publicado.

Mas outros nomes conhecidos e de sólida creditação já passaram (e curiosamente sempre continuando em mostra), neste dinâmico espaço.

Rui Chafes, Albuquerque Mendes (*aristotélica* figura da pintura, e que também nasceu no CAPC), Silvestre Pestana e Ernesto Melo e Castro são apenas alguns dos nomes que formulam um ilustrativo exemplo desta tese (e todos, a seu tempo, apresentaram individuais exposições da sua obra no “Black Cube” da Galeria CAPC).

Mas são múltiplas as revelações já encontradas no panorama nacional vindouro, sinergizando assim, e de modo determinado, todo um desafio a novas buscas e à afirmação de outras experiências dignas de nobre mostra, e que esta *galeria* da universidade aos autores sempre fez por premiar.

Nomes novos estão já aí para nosso particular regozijo e contemplação explorando diferentes territórios sensoriais e de linguagem. Sofia Areal,

Pedro Falcão, Nuno Patinho, Ana Pimentel, Gil Maia, Isabel Freire, Susana Pires e Miguelangelo Veiga são artistas que não poderemos mais perder de vista. Mas muitos outros virão. Espero. E para este motivo a que venho zelando, voto um continuado e proliferativo programa. O genoma está criado.

Mas na IUC, Editora Universitária com já mais de 260 títulos publicados (após a sua reactivação em 1998, então com directoria de Fernando Regateiro, e na tutela do reitor Fernando Rebelo), encontramos múltiplos outros exemplos de uso da capa do livro como suporte difusor da arte onde vale sublinhar a co-produção GRADIVA / IUC, na colecção “Ciência Aberta”, de “Águas Vivas” de Silvestre Pestana (Grande Prémio Bienal Internacional de Arte de Cerveira, 2003, peça apresentada no 3.º Aniversário do Museu da Água em Coimbra) 2010, e a Arte WEB de Ernesto Melo e Castro; assim como (e depois de uma encenada visita ao iconoclasta Ruben A) a presença FLUXUS de Wolf Vostell num registo “Vostells Hände” da Archiv Sohm, Markgröningen, na colecção “Estudos: Humanidades”, edição da IUC para a FLUC, assim como sucede com os Cadernosdejournalismo (sinergizados por Clara Almeida Santos, João Figueira e Ana Teresa Peixinho), suporte promotor da jovem e emergente geração de promissores jornalistas formados na UC, e onde na capa surgem ainda novos artistas como Inês Murta e Ana Relvas França.

Se a lacunar falta de espaços para a mostra da arte foi realidade sentida nos últimos anos em Coimbra, as capas dos livros logo se apresentaram a contribuir para a redução desta carência. Uma experiência particular na UC que (ao enunciar até agora mais de 200 artistas de dimensão internacional) vem, em si, a formular até um novo conceito para as *Galerias* (Book Covers) agora com uma outra abertura e performatividade. Sentido de liberdade. *Arejamento*. Segurança.

Nesta *Galeria* não esqueça, deixe a porta aberta quando sair.

Lugar dos Livros

Título: Protecção Social em Portugal na Época Moderna

Autora: Maria Antónia Lopes

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Colecção *Estudos – Humanidades* - Coimbra 2010

As instituições de protecção social são aqui perspectivadas como ponto de confluência de crenças, sistemas doutrinários e legislativos, interesses e possibilidades. Muito para além do elenco das organizações de protecção social, que fornece, a Autora procura as razões da sua existência e das suas modalidades. E assim, com o estudo das instituições, dos seus dirigentes e dos homens e mulheres socorridos (e tantas vezes controlados), desemboca-se na sociedade da Época Moderna, na sua arquitectura política, jurídica, ideológica, social e económica.

Título: Ciência e Mito

Autor: António Amorim da Costa

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Colecção *Ciências e Culturas* - Coimbra 2010

(...) *Que significam hoje “ciência” e “mito”? Este livro responde às questões que estas duas palavras colocam, e responde, de vários modos, àquilo que será sempre uma má separação: a ciência e a arte (técnica) (...).* Excerto do Prefácio da autoria de José Augusto Mourão

Título: Quilómetros, Euros e pouca terra.

Manual de Economia dos Transportes

Autor: Daniel Murta

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Série *Ensino* - Coimbra 2010

Na economia dos transportes estudam-se os mercados, no seu desempenho em tempo, na interacção com o es-

paço e nos reflexos externos, num contexto de possível regulação e sob o objectivo de uma mobilidade sustentável. Esta deverá ser infra-máxima, a um preço moderador do consumo.

Título: Alfabeto

Autor: Paul Valéry

Tradução: Cristina Robalo Cordeiro

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Colecção *Li. N.º 1* - Coimbra 2010

A obra foi escrita para satisfazer uma encomenda do livreiro René Hilsun para que Paul Valéry escrevesse 24 poemas em prosa cuja inicial fosse cada uma das letras do alfabeto, retirando desse “alfabeto” o K e o W por serem raras as palavras francesas com essas iniciais. Valéry aproveitou a ausência das duas letras para encaixar os seus textos nas 24 horas do dia, fazendo-as “corresponder a um estado e uma ocupação ou uma disposição da alma diferente”. A obra inaugura uma nova colecção da IUC, dedicada a textos clássicos esgotados e a obras de autores de mérito nunca antes traduzidos em língua portuguesa.

Título: Do Intervencionismo ao Sidonismo. Os dois segmentos da política de guerra durante a 1ª República

Autor: Luís Fraga

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Série *Investigação* - Coimbra 2010

A obra encontra-se desenvolvida segundo duas vertentes: uma, orientada para a criação, instrução, instalação e vida do Corpo Expedicionário Português (CEP) em França e, outra, buscando o levantamento da situação económica, social e política de Portugal durante os anos de 1916 e 1917. Depois, debruça-se sobre a actuação de Sidónio Pais, não só quanto à preparação do

golpe de Dezembro de 1917 como, também, quanto à condução da política de guerra face às constantes imposições da Grã-Bretanha. Apresentam-se achegas originais e importantes para a compreensão da História da 1.^a República.

Título: Geografia Física e Riscos Naturais

Autor: Fernando Rebelo

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Série *Investigação* - Coimbra 2010

Esta obra recupera dez pequenos trabalhos de investigação publicados pelo Autor entre 2001 e 2008, que são revistos e aumentados, e acrescenta-lhes um capítulo inédito, bem como as versões integrais de duas entrevistas concedidas recentemente.

A introdução da obra refere-se à Geografia Física e a sua conclusão aos Riscos Naturais. Assim, de início, expõe-se uma metodologia que irá estar subjacente à maior parte dos trabalhos sobre riscos e, no fim, discute-se o que deverá ser um novo olhar sobre estes mesmos riscos.

Título: Um novo Direito Administrativo?

Autora: Suzana Tavares da Silva

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Série *Ensino* - Coimbra 2010

É uma obra que procura identificar as principais transformações e os novos desafios que o direito administrativo actualmente enfrenta por força das influências que sobre ele exercem os fenómenos da integração na União Europeia e o direito produzido pelas organizações internacionais. Trata-se de um trabalho orientado para uma função pedagógica, e por essa razão assenta numa estrutura simples, exemplificativa e, fundamentalmente, problematizadora.

Título: Pequeno Atlas do Sistema Solar

Autor: Ivo Alves

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra 2010

O *Pequeno Atlas do Sistema Solar* ambiciona mostrar perspectivas novas sobre o nosso sistema planetário.

As fotografias, muitas vezes surpreendentes, frequentemente belíssimas como puros objectos estéticos, são a espinha dorsal deste livro. O Atlas também terá algo a dar a quem procure uma informação condensada, facilmente acessível, sobre os mais importantes corpos do nosso sistema planetário. Para além de dados numéricos, procurou-se reunir aqui a mais recente informação geológica e topográfica, muita dela sob a forma de mapas, na sua maioria inéditos.

Título: História Breve da Ciência em Portugal

Autores: Carlos Fiolhais, Décio Martins

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Gradiva - Coimbra 2010

Breve História da Ciência em Portugal é um resumo sobre a ciência que houve em Portugal desde o tempo dos Descobrimentos até ao fim do Estado Novo. Num livrinho de divulgação como este deixam-se propositadamente de fora a erudição, as notas de pé de página e a bibliografia exaustiva. Mas apresentam-se, pela primeira vez num só volume, a sucessão dos factos e personagens mais assinaláveis que constituíram e protagonizaram o percurso da ciência entre nós.

Título: Novos Tipos de Família. Plano de Cuidados

Autores: Hernâni Caniço, Pedro Bairrada, Esther Rodríguez, Armando Carvalho

Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra 2010

Nesta obra, a atenção é centrada na definição dos tipos de família, caracterizando cada um e apresentando um plano de cuidados de saúde à família.

Procura-se, desta forma, dotar a caracterização proposta de um sentido realmente clínico e não meramente académico. Os autores procuraram, igualmente, a base para a adaptação dos meios de avaliação familiar à realidade do dia-a-dia da Medicina e, porque não, à criação de novos métodos de avaliação, mais actuais e mais efectivos.

Espaço das Escolas



Residência de Estudantes II do Pólo II da Universidade de Coimbra

António Portovedo Lousa *

O Pólo II da Universidade de Coimbra (UC), ocupando a encosta sul do Pinhal de Marrocos, representou a eleição de um modelo urbano que apostava em ‘construir’ um campus universitário com ambição urbana alargada. A clareza geométrica da malha urbana adoptada por Camilo Cortesão e Mercês Vieira indiciava uma leitura de continuidade das ruas que a estruturaram, a partir do preenchimento dos limites dos quarteirões pelos edifícios que os vão ocupando. Por outro lado, pretendia-se valorizar a relação paisagística a sul, sobre o vale e o curso do Mondego, implicando uma fragmentação volumétrica dos edifícios ao longo da sua fachada norte. A continuada aposta em edifícios de autor, independentemente da forma de encomenda, tem possibilitado a edificação de peças arquitectónicas de notória qualidade, seja para os programas escolares, bem como para os programas de apoio à vida académica, mas com algum prejuízo para uma imagem de continuidade urbana que o modelo pressupunha, dada a heterogeneidade de soluções formais apresentadas, facto que é agravado pela permanência de vários quarteirões ou lotes de terreno expectantes, ou ainda pela inexistência, até à data, de espaços, equipamentos e serviços que constroem a cidade num sentido mais alargado. A Residência de Estudantes II, da autoria de

Carlos Martins e Elisiário Miranda, inscreve-se neste processo, através de uma proposta apresentada a um concurso limitado promovido em 2000, concluindo-se a obra em 2003.

Implanta-se num terreno que ocupa o topo noroeste do quarteirão definido pelas ruas C e N, com um franco desenvolvimento longitudinal, marcado num dos seus extremos pelo edifício do Departamento de Engenharia Mecânica, de Manuel Tainha, bem como por um olival e pela Casa Costa Alemão no topo sudoeste, sendo dominado a norte pela presença da massa horizontal do edifício do Departamento de Engenharia Civil da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC, de Fernando Távora, que estabelece um sentido compositivo e um referencial de escala determinantes neste sector do Pólo.

O edifício da Residência cumpre uma das premissas do plano no sentido de ocupação do cunhal do quarteirão, através da adopção de um volume seco e compacto, encerrado a norte, numa formalização de grande abstracção, singularizando-o em relação à generalidade dos edifícios do Pólo, conferindo à sua leitura a partir do plano superior um carácter de algum mistério.

A partir do cunhal noroeste uma abertura com três pisos de altura anuncia-nos a viragem para



a entrada principal, seja pela sua singularidade no contexto de uma fachada cega, seja pela gradual transparência a sul, mediada pela relação visual com os terraços colectivos que rematam cada piso de quartos.

A entrada evidencia-se a poente por um rasgo horizontal que suspende a massa do edifício, preparando o confronto com a fachada sul, rasgada em varandas corridas a toda a sua largura, identificando a métrica rigorosa que rege o conjunto dos espaços internos, estruturada a partir do módulo de três metros de largura correspondente aos quartos e estabelecendo assim uma relação de continuidade com a métrica do Plano. Resolve-se então o carácter misterioso a que aludimos, tornando claro que a ideia formal se resolve apenas perante a leitura da fachada sul em toda a sua extensão.

Entre a fase de concurso e a obra perde-se uma afirmada relação com o terreno natural, que se intrometia sob o edifício através de um vazio correspondente a seis módulos, um momento de excepção na sua relação com a topografia, em que a pendente natural do terreno se estendia até ao grande muro de suporte a norte, interferindo na caracterização do grande pátio que organiza o conjunto dos espaços de serviço da residência, promovendo em simultâneo uma fuga visual de grande verticalidade, que funcionaria como contraponto à aturada horizontalidade dos quatro pisos de quartos.

Esta excepção, em conjunto com a supressão de um módulo no piso de entrada, que se repete nos restantes pisos em forma de pátio exterior aberto em profundidade, contribuíam para tornar mais sensível a relação com a topografia pré-existente, valorizando ainda a relação com a Casa Costa Alemão, tensionando a entrada.

Na definição da solução final este vazio foi reformulado, em consequência da adição de mais um piso semi-enterrado com um programa de quartos, espacialmente idênticos aos dos pisos superiores, mas com uma relação exterior asse-

gurada por janelas corridas situadas ao nível do tecto, sendo pavimentado o espaço que correspondia ao terreno natural. Este acréscimo do programa de quartos não alterou, no entanto, a escala e cêrcea do edifício definidos na proposta de concurso.

A partir da entrada a leitura do edifício vai-se clarificando, seja através de uma sucessão de espaços públicos de expressão vertical, como no átrio de pé-direito quádruplo e nos pátios de apoio aos espaços de serviço comuns, adquirindo uma expressão enfática no vazio de pé-direito quádruplo, seja pelo contraponto horizontal dos corredores longitudinais de distribuição em cada piso, que literalmente dividem edifício e programa entre zona privada, correspondente aos quartos, e espaços públicos ou de serviço, como cozinhas de piso, lavandaria, acessos verticais, arrumos ou espaços técnicos.

Curiosamente, esta divisão programática não tem consequência na volumetria do edifício, sendo claro que se privilegiou a continuidade da massa construída, numa espécie de reacção à fragmentação volumétrica que a maioria dos edifícios escolares do Pólo II evidencia.

A distribuição espacial interior é, fundamentalmente, determinada por um conjunto de sucessivas revelações, ou seja, os momentos de transição entre os espaços mais significantes é invariavelmente efectuado através de corredores ou espaços de transição apertados e contidos, sendo este o dispositivo de hierarquização espacial utilizado também na caracterização dos quartos, subdivididos entre zona de trabalho e descanso, junto à abertura sobre a varanda, e uma zona de entrada que agrega sanitário e zona de vestir, de dimensões reduzidas e encerrável.

A aparente elementaridade da solução formal oculta a riqueza e complexidade internas, remetendo-nos de novo para um desenvolvimento espacial que se vai descobrindo. Transições de escala, valorização dos percursos através

de fontes de iluminação natural diferenciadas, total abertura dos quartos sobre as varandas em contraste com uma quase reclusão dos espaços comuns abertos para pátios interiorizados, caracterizam uma atitude de máximo efeito com um reduzido naípe de elementos.

Este crescendo da narrativa espacial resolve-se, de forma lógica, na presença constante da paisagem em cada módulo de quarto, em cada varanda, em cada terraço colectivo. Estamos perante um edifício que é pensado a partir da combinação de elementos de composição espacial característicos da arquitectura corrente, mas manipulados de forma a transcenderem a sua normal aplicação, valorizando em simultâneo o tempo de permanência nos espaços individuais ou colectivos, e o tempo de percurso entre eles. A afirmação das testas das lages e da sua continuidade vertical com os panos de parede laterais são os recursos formais que identificam o programa, por contraste com a secura e opacidade das fachadas norte e este. Concentra-se assim na fachada sul e no cunhal sudoeste a afirmação de uma manipulação mais aturada dos recursos formais empregues.

Esta lógica estrutural adquire valor de expressão arquitectónica, através da sua construção laminar horizontal, tornando-se evidente a sua contraparte vertical no vazio ao nível do terreno. O subtil recuo que este piso apresenta em relação ao plano da fachada enfatiza a procura de uma autonomia formal do edifício, num exercício contraditório com a forte ligação ao solo na fachada norte.

A economia de utilização de elementos retóricos afirma-se igualmente ao nível da definição material do edifício, construído em betão branco e com acabamentos interiores espartanos e de grande elementaridade cromática. O jogo entre cheio e vazio, entre luz e sombra, são os elementos que identificam forma e espaço.

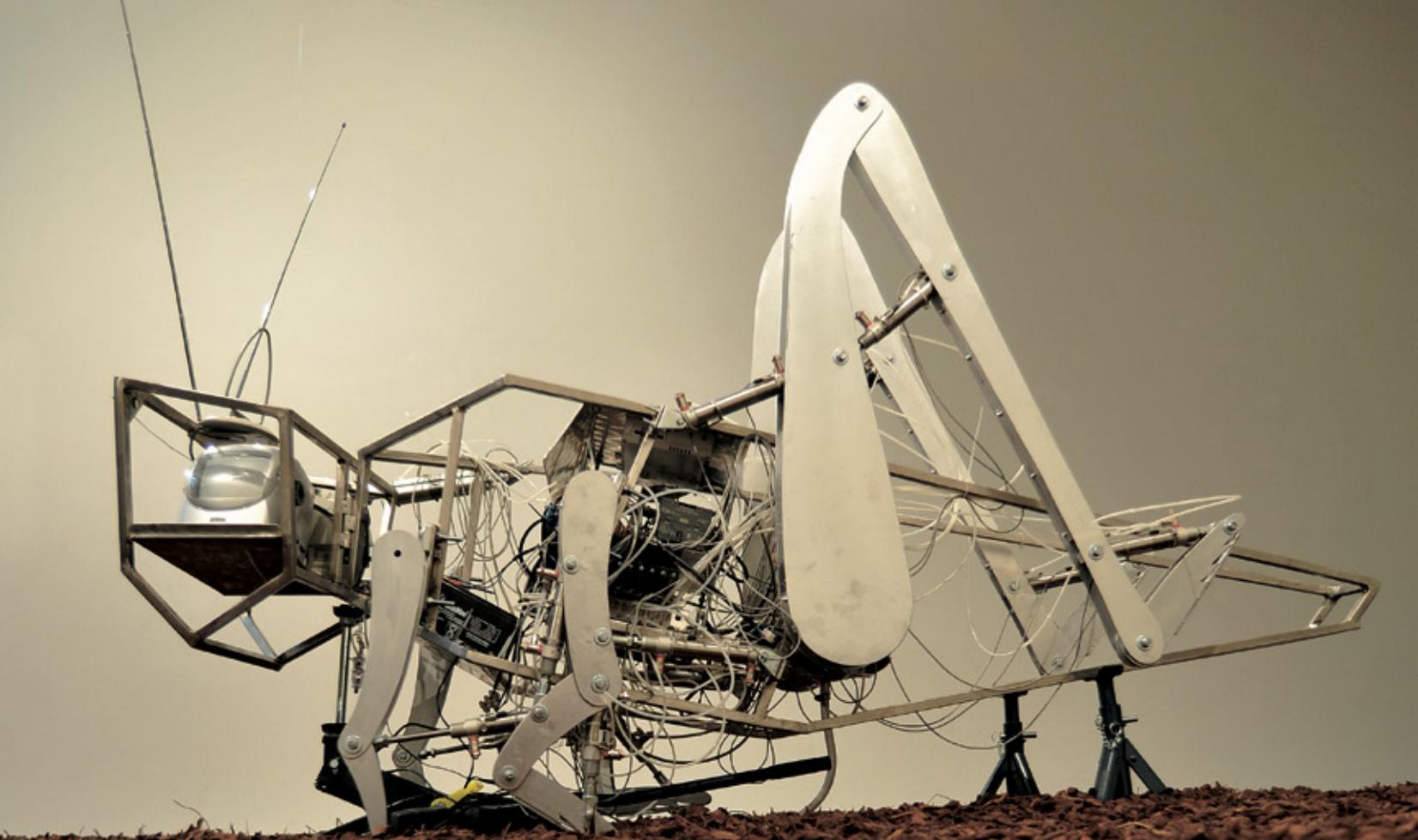
O Pólo II continua ser um *work in progress*, sobretudo no que respeita à sua vocação urbana, pela inexistência dos serviços e equipamentos

característicos da cidade consolidada, o que condiciona fortemente a possibilidade de testar a validade do modelo urbano proposto.

Os utentes da Residência II, bem como do conjunto dos restantes programas já edificados, habitam um espaço monofuncional que não atrai vida urbana, pela ausência de locais públicos de encontro ou lazer, ou simplesmente de comércio de proximidade. Nesse sentido, a Residência não difere dos restantes edifícios, cumprindo com eficácia funcional e qualidade formal e espacial o seu desígnio, mas sendo por agora parte de um projecto urbano inacabado.

* Professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.





Temas

Ano Internacional
da Biodiversidade

A Biodiversidade: Um Compromisso Global

Helena Freitas, António Gouveia, Sofia Costa *

A Organização das Nações Unidas declarou 2010 o Ano Internacional da Biodiversidade. Esta celebração pretende sensibilizar a comunidade global para a importância e preservação da diversidade biológica, cujo acelerado ritmo de destruição é alarmante.

O que é a Biodiversidade?

A diversidade biológica ou biodiversidade pode ser definida como a variedade de seres vivos e das suas componentes ecológicas, ou seja, os milhões de plantas, animais e microorganismos, bem como os seus genes e os ecossistemas que integram.

Estima-se que existam entre dez a 30 milhões de espécies no mundo, conhecendo-se, de facto, um pouco menos de dois milhões. Temos informação sobretudo dos locais onde foram encontradas e algumas das suas características. Mas o que sabemos de facto sobre estas espécies? Quase nada.

Nos últimos 400 anos, as estimativas, que provavelmente pecam por defeito, apontam para a extinção de cerca de 500 animais e 700 plantas, maioritariamente devida à acção humana. Se pensarmos que o tempo de vida médio de uma espécie é de cinco a dez milhões de anos, tal significa que a actual taxa de extinção é 50 a 100 vezes superior à taxa natural.

Contudo, a diversidade biológica não se refere apenas a uma enumeração das espécies, mas também aos genes que contêm e aos ecossistemas que constroem. Esta última componente engloba as interações dos organismos entre si e com o meio em que se inserem – o ecossistema.

A diversidade específica reflecte todas as espécies que existem, representando toda a gama de adaptações evolutivas e ecológicas das espécies a ambiente particulares. Há perda da biodiversidade específica a todos os níveis: cerca de 50% dos mamíferos viu reduzida a sua área de ocupação; destes, e de acordo com a lista vermelha da International Union for Conservation of Nature (IUCN), cerca de 50% dos primatas estão em risco de extinção. Prevê-se que cerca de um terço das árvores da Amazônia e de um terço das espécies dos recifes de coral poderá extinguir-se nas próximas décadas.

A diversidade genética – a variação genética intra-específica, quer entre populações geograficamente separadas, quer entre indivíduos da mesma população – mantém a sua vitalidade reprodutora, aumenta a resistência às doenças e a capacidade de adaptação a condições variáveis. Conseguimos hoje avaliar a diversidade genética com grande eficácia e a sua degradação é acentuada: uma avaliação recente refere que de cerca de 7500 raças de animais domésticos, 20% estão em risco e 62 extinguiram-se nos últimos anos; no caso das plantas cultivadas, cerca de 75% desapareceram no início do século XX.

A diversidade das comunidades engloba as diferentes comunidades biológicas e as suas associações com o meio; representa a resposta colectiva das espécies a diferentes condições ambientais e suporta o funcionamento dos ecossistemas, prestando serviços cruciais para o Homem.

A biodiversidade é a matéria-prima dos ecossistemas. Os sistemas ecológicos – tais como as zonas húmidas, as florestas, os recifes de coral, a tundra, as pradarias, os estuários e o oceano aberto – oferecem um amplo conjunto de bens e serviços essenciais à Humanidade, suportando a vida na Terra. O conhecimento dos bens e serviços ecológicos é essencial para compreender as implicações da perda da diversidade biológica e das conseqüentes alterações na captura de carbono e energia, clima, no uso do solo, no ciclo da água, no ciclo do azoto, e outros.

Temos consciência da importância dos bens que os sistemas ecológicos oferecem e que nós comercializamos, isto é, sabemos o valor dos alimentos, dos combustíveis, da água potável, da madeira ou da caça. O mesmo não se passa em relação aos serviços que a Natureza oferece e que, apesar do seu valor incalculável, não são comercializáveis. Lamentavelmente, estes últimos não cabem na percepção social imediata: a purificação do ar e da água, a decomposição dos resíduos, a renovação do solo e da sua fertilidade, a polinização das plantas, a estabilização parcial do clima, o suporte da diversidade das culturas humanas, a beleza estética e a sua inestimável influência no bem-estar humano.

A verdade é que, para responder a todas as necessidades básicas da população do planeta, em alimento, energia e água, se degradaram as condições ambientais ao nível local, regional e global, e esta degradação, a par da perda dos recursos naturais, vai reduzindo a capacidade de responder a essas mesmas necessidades, o que só pode piorar num cenário de crescimento populacional acelerado e geograficamente desequilibrado. Os reflexos deste rumo insustentável são bem visíveis na perda irreversível da biodiversidade e na degradação inexorável dos sistemas naturais que suportam a vida, pondo em causa o bem-estar presente e o futuro da Humanidade.

De acordo com a Avaliação do Milénio da ONU, em 2005, cerca de 60% dos serviços dos ecossistemas degradaram-se à escala global, a maioria nos últimos 50 anos. No entanto, não temos informação consistente à escala local e regional que nos permita perceber as tendências ou mesmo estabelecer os processos e as metodologias para a sua avaliação.

As principais causas da perda da biodiversidade e dos serviços dos ecossistemas por ela providenciados são múltiplas e, directa ou indirectamente, associadas ao aumento da pressão humana. Nestas incluem-se a destruição e fragmentação de habitats, sobre-exploração de recursos naturais, poluição e introdução de espécies exóticas, causas essas ainda potencialmente amplificadas nos cenários previstos de alterações climáticas.

O reconhecimento deste problema e a urgência em travar a perda da diversidade biológica conduziu ao estabelecimento de compromissos políticos e sociais à escala global, regional e nacional.

Compromissos Internacionais

A designada Conferência do Rio, que decorreu em 1992, no Brasil, estabeleceu a Convenção para a Diversidade Biológica. Esta Convenção veio associar a conservação da diversidade biológica ao novo paradigma do desenvolvimento sustentável, assumindo três grandes objectivos: a conservação da diversidade biológica, o seu uso sustentável e a divisão justa e equitativa dos benefícios obtidos pela utilização dos recursos genéticos.

Na sequência da Conferência do Rio, realizou-se em Setembro de 2002, na África do Sul, uma Cimeira Mundial do Desenvolvimento Sustentável, a Cimeira da Terra, novamente sob os auspícios da ONU. Uma década depois, esta reunião visava fazer o balanço das políticas ambientais, económicas e de desenvolvimento, actualizar o diagnóstico da situação, e propor as medidas necessárias à prossecução dos objectivos de sustentabilidade. No entanto, esta Cimeira revelou, uma vez mais, a distância entre as boas intenções políticas e a concretização das acções que garantem o seu êxito. O compromisso mais importante desta Cimeira terá sido a intenção proclamada, e assumida por todos, de “reduzir de forma significativa a perda da biodiversidade até 2010”. Porém, uma vez mais, não se criaram os instrumentos para a avaliação e monitorização da biodiversidade, abdicando-se de certa forma de um compromisso político efectivo.

São portanto os objectivos da Cimeira da Terra que estão em avaliação em 2010, sendo consensual que se ficou muito aquém da ambição proclamada. Esta avaliação negativa é tão evidente que suscitou alguma capacidade de persuasão no sentido de se criarem as infra-estruturas de interface entre a comunidade científica e o poder político, garantindo um maior contributo do conhecimento científico para a conservação dos recursos naturais à escala global.

Ao nível internacional, para que a relação política-biodiversidade seja produtiva, são necessárias quatro apostas complementares: na investigação científica, observação/monitorização de espécies; avaliação continuada dos processos, e políticas ajustadas. Um importante passo para a implementação destes objectivos é o recentemente criado International Panel for Biodiversity and Ecosystems Services (IPBES), um painel de natureza intergovernamental equiparado ao Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC), garantindo a qualidade e independência dos cientistas envolvidos. A sua avaliação periódica e a mobilização regular da comunidade científica e da opinião pública para a construção de objectivos comuns, tornará a ciência mais eficaz em termos de impacto político.

Ao nível nacional é imperativo criar condições para a continuação e reforço da aposta na investigação científica no domínio da biodiversidade, a par da promoção e divulgação desta ciência nas redes de *Ciência Viva* e reforçar a participação nos programas europeus de infra-estruturas científicas cruciais para a monitorização da biodiversidade. Deste modo será possível assumir em pleno os compromissos internacionais e a participação efectiva, a nível europeu, no plano político, científico e ambiental na área da biodiversidade.

Um dos maiores desafios que se coloca à Humanidade neste século é, pois, a conservação e a gestão inteligente dos recursos naturais da Terra.

* Centro de Ecologia Funcional, Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra.



O Ano Internacional da Biodiversidade no Museu da Ciência

Paulo Gama Mota *

O ano de 2010 foi considerado o Ano Internacional da Biodiversidade, procurando chamar a atenção de todo o mundo para um dos mais preocupantes problemas que enfrentamos neste início do século. Com um crescimento demográfico sem paralelo na história da nossa espécie, tendo já ultrapassado os 6,5 mil milhões de pessoas e mantendo um ritmo de crescimento, com uma conseqüente ocupação dos espaços disponíveis e destruição dos habitats naturais, com um consumo cada vez mais acelerado dos recursos renováveis e não renováveis do Planeta, a nossa espécie enfrenta desafios muito importantes para o seu futuro e para o futuro de uma vida sustentável na Terra. Temos ainda a responsabilidade, enquanto espécie dotada de consciência e capaz de avaliar as conseqüências das suas acções com cada vez mais impacto à escala global, de saber preservar a diversidade biológica do Planeta que constitui não só um património natural único e inestimável, como é determinante para a nossa própria sobrevivência.

A destruição de habitat assume valores difíceis de caracterizar à escala da nossa experiência individual. Na década de 1980, a destruição de floresta tropical correspondia à área de um campo de futebol por segundo! E esse valor, apesar de ter diminuído para metade, permanece muito alto. É nas regiões de floresta tropical que se concentra a maior diversidade biológica do planeta. Não admira que esta destruição de habitat seja acompanhada de uma brutal perda de biodiversidade. Embora se desconheçam números exactos da diversidade biológica existente na Terra, estima-se que cerca de 27 mil espécies se extinguem em cada ano, o que corresponde a 74 por dia ou três por hora. Pensa-se que somente por acção de destruição de habitat e de alterações climáticas, mais de 15% das espécies actualmente existentes estarão condenadas à extinção em 2050.

Alguns exemplos recentes fazem crescer a preocupação de não estarmos a dar passos suficientes para preservar a biodiversidade que ainda nos resta e garantir uma vida sustentável no planeta.

A explosão do oleoduto da BP no Golfo do México libertou mais de 800 milhões de litros de crude que contaminaram as costas de vários países da região, causando a morte a milhares de animais, peixes, aves, crustáceos, moluscos e outros animais marinhos e das regiões costeiras, permanecendo, ainda, uma bolsa de petróleo de várias toneladas no fundo do oceano. Levará anos a ver os seus efeitos minimizados e terá um impacto económico negativo elevadíssimo.

Um incêndio ocorrido recentemente nas regiões mais remotas da ilha da Madeira, entre o Pico Ruivo e o Pico do Areeiro destruiu 95% do Parque Ecológico do Funchal, fazendo desaparecer uma das mais importantes manchas da vegetação tradicional, a flora laurissilva, flora típica das ilhas atlânticas dos

arquipélagos da Madeira, dos Açores, Ilhas Canárias e Cabo Verde, de que restam pouquíssimas áreas. Ainda que as causas possam ser naturais, estes incidentes aumentam os efeitos dos impactos humanos sobre a biodiversidade.

Assim, o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (UC) organizou um programa de actividades destinado a chamar o público para conhecer e discutir os problemas que se colocam ao futuro da biodiversidade, designado *Biodiversidade 2010*. Não só os problemas, mas também as acções que cada um pode encetar no sentido de desenvolvermos formas de vida mais sustentáveis.

As actividades incluem um ciclo de conferências que decorre ao longo do ano, sobre temas importantes da biodiversidade. Começámos por discutir a importância das fontes hidrotermais como centros de biodiversidade, guiados com entusiasmo por Milton Costa do Departamento de Ciências da Vida (DCV) da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC. Seguiu-se uma reflexão sobre um dos grupos de organismos mais sensíveis e afectados pela poluição – os anfíbios –, numa interessante apresentação de Rafael Marquez, do CSIC de Madrid. Stuart Pimm, conhecido ecólogo sediado na Universidade de Duke, que recebeu em 2010 o prestigiado Tyler Prize for Environmental Achievement, questionou-nos com veemência sobre o futuro da biodiversidade, perguntando-nos se este existe. E respondendo, enfaticamente, com um sim, não o fez sem uma mensagem explícita: os maiores esforços devem ser colocados nas regiões de maior concentração de biodiversidade e onde a sua perda será mais dramática - as regiões tropicais. Seguidamente, Alan Covich, da Universidade da Geórgia, concentrou-se na biodiversidade nas ilhas e na forma como os equilíbrios ecológicos nas ilhas podem ser facilmente perturbados.

O Lince Ibérico é o mamífero mais ameaçado da Europa e simboliza os esforços de preservação de habitats e da sua diversidade biológica na Península Ibérica. O projecto de reintrodução do Lince Ibérico no sul de Portugal, coordenado pelo Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade (ICNB), foi o tema da conferência de 23 de Setembro, com a participação de Rodrigo Serra coordenador do programa de reprodução do Lince, pelo ICNB e Eduardo Santos, da Liga para a Protecção da Natureza. A 14 de Outubro realizou-se um importante colóquio sobre *O contributo da Universidade de Coimbra para o conhecimento da biodiversidade da África tropical*, que contou com a participação de cientistas nacionais e dos principais países africanos de língua portuguesa. Esta foi uma oportunidade para se conhecer parte importante das colecções científicas da UC e o seu potencial contributo para o desenvolvimento sustentável nesses países. Permitiu, ainda, conhecer os esforços de estudo e preservação da biodiversidade em cada um deles. Já a 18 de Novembro, o tema será o do impacto humano nos oceanos, em particular o das pescas e da falência do modelo de gestão dos recursos piscícolas praticado pelos maiores países com actividade piscatória. A conversa será conduzida por Emanuel Gonçalves do ISPA e por Teresa Borges da Universidade do Algarve. Finalmente, a 2 de Dezembro, Helena Freitas do DCV - FCTUC e Henrique Pereira da Universidade de Lisboa, farão uma avaliação do projecto de avaliação do estado da biodiversidade no planeta, realizado à escala global, designado *Millenium Ecosystem Assessment*.

Para despertar os mais novos para a necessidade de olhar à nossa volta para compreender o significado de 'biodiversidade' e ter uma atitude participante na sua preservação, o Museu da Ciência desenvolveu um programa específico. Este tem como elemento mais destacado o concurso *Diários da Biodiversidade*, que convida os jovens e as crianças ao contacto directo com a natureza e à observação de seres vivos que tanto podem ser animais como plantas ou mesmo fungos, através da elaboração de um diário no qual descreverão os seres vivos que vão procurando e encontrando ao longo do tempo.

Outras actividades para os mais jovens incluem ateliers e férias no *Chimico* sobre este tema. Começámos, ainda em 2009, a celebrar o Natal com pinguins. Prosseguimos com propostas para *Um Mundo mais sustentável* durante a semana cultural da UC, e com férias no *Chimico* sobre *A Biodiversidade à minha volta!*

A noite do dia 12 de Junho foi de grande festa e actividade em torno da *Noite Europeia dos Morcegos*, proporcionando a cerca de seis centenas de pessoas, crianças e adultos, que encheram de animação o Paço das Escolas e Biblioteca Joanina, um melhor conhecimento desses animais tão associados a diversos mitos. Uma acção de sensibilização com a colaboração do ICNB, do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos e da Camaleão – Associação Cultural.

Assinalámos o dia internacional da Biodiversidade, colaborando com o Jardim Botânico da UC e propusemos às Escolas do país: *Planta uma Árvore na tua Escola*, iniciativa com excelente adesão, de Norte, Centro, Sul e ilhas.

Realizou-se, ainda, no Museu da Ciência o colóquio *O desperdício dos desperdícios* sobre os desperdícios que diariamente geramos, a sua gestão e as formas de contribuir para produzir menos desperdícios e reciclar mais. Neste evento participaram José Xavier (IMAR), António Veiga Simão (Director do Dep. Ambiente CMC), Helena Albuquerque (APPACDM), Raul Henriques (Projecto Limpar Portugal), Adelaide Chichorro (Quercus). Por seu lado, o simpósio *Práticas de Educação para o desenvolvimento sustentável com Edublogues Climática* reuniu a comunidade escolar em torno deste projecto educativo a que o Museu da Ciência se associou.

Em colaboração com o Instituto de Estudos de Literatura Tradicional da Universidade Nova de Lisboa, o Museu tem ainda outro concurso a decorrer: *Os Bichos*, destinado a recolhas de literatura tradicional relacionada com animais e que nos fala da forma como os nossos antepassados lidaram com a diversidade biológica à sua volta. Esta é também uma forma de chegar até às pequenas comunidades do Interior e alargar o esforço de mobilização pela preservação da biodiversidade.

Este conjunto diversificado de actividades foi desenvolvido com a colaboração de Helena Freitas e Manuel Graça do DCV, trazendo até nós especialistas de todo o mundo e dedicando actividades aos públicos mais diversificados, com o objectivo de relacionar a ciência e a educação do presente com a procura de respostas para o futuro.

* Director do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra.



Acções de Conservação na ZPE de Castro Verde: um exemplo português para a preservação da biodiversidade

Rita Alcazar *

No princípio da década de 1990, a Liga para a Protecção da Natureza (LPN) iniciou o Projecto “Conservação da Avifauna Estepária de Castro Verde” com a finalidade de assegurar, nesta região, a preservação de um conjunto de espécies de aves emblemáticas e muito vulneráveis: as aves estepárias. Há quase 20 anos, foram assim criados os alicerces do Programa Castro Verde Sustentável da LPN, que hoje integra a conservação da natureza e da biodiversidade com a gestão agrícola, a investigação científica, o ecoturismo e a educação ambiental, numa estreita parceria entre a LPN, a Câmara Municipal de Castro Verde, a Associação de Agricultores do Campo Branco e outras entidades da região.

A região do Campo Branco, também conhecida como os Campos de Ourique, que abrange territórios dos concelhos de Castro Verde, Aljustrel, Almodôvar, Beja, Ourique e Mértola, está classificada desde 1999 como Zona de Protecção Especial (ZPE), no âmbito da Rede Europeia de Espaços Naturais (Rede NATURA 2000). Esta ZPE abrange cerca de 85 mil hectares com elevado valor natural pela biodiversidade ameaçada que ocorre nesta região.

A marca dominante da paisagem do Campo Branco são as suas planícies, com um relevo muito suave e horizontes amplos a perder de vista, onde abundam os campos agrícolas com pastagens e searas, pontuados aqui e ali por algumas árvores isoladas. Há muito que a presença humana faz parte deste ecossistema, utilizado há séculos pelas suas pastagens.

Estas planícies, que alternam entre o multicolor das flores das pastagens e o dourado das searas, são o habitat de um grupo de aves muito singular e único: as aves estepárias. Estas aves oriundas das estepes naturais, que se encontram na Europa Central e na Ásia Ocidental, adaptaram-se a uma paisagem similar, resultante da produção de cereal de sequeiro em rotação com pousios. Estas estepes artificiais são denominadas “pseudo-estepes” ou “estepes cerealíferas” e em Portugal são o habitat terrestre com maior proporção de aves com estatuto de ameaça.

Em Portugal, a ZPE de Castro Verde tem a maior extensão destes habitats e é aqui que ocorrem as principais populações nacionais de Abetarda (*Otis tarda*), Peneireiro-das-torres ou Francelho (*Falco naumanni*), Sisão (*Tetrax tetrax*), Rolieiro (*Coracias garrulus*), Tartaranhão-caçador (*Circus pygargus*), Calhandra-rea (*Melano-*

-corypha calandra), entre outras. Importa destacar que 80% das populações nacionais de Abetarda e Peneireiro-das-torres, duas espécies muito ameaçadas a nível mundial, se concentram nesta região. Estas aves utilizam o mosaico de habitats criados pela agricultura extensiva de sequeiro para se alimentarem, nidificarem e, no caso da Abetarda, se dedicarem a exuberantes paradas nupciais durante o período de reprodução.

Como estas espécies estão muito dependentes da actividade agrícola, a diminuição drástica que se verificou nos seus efectivos populacionais deveu-se a alterações que ocorreram na agricultura, que se tornou mais intensiva e deixou de ser compatível com a ocorrência destas aves. Muitas começaram, assim, a rarear e a extinguir-se de diversas áreas, tanto na Europa como em Portugal.

No início da década de 1990, a pobreza dos solos do Campo Branco ditava que os campos agrícolas comesçassem a ser convertidos em floresta intensiva, com a plantação de eucaliptos. Tal transformação teria um impacte irreversível nas aves estepárias que ainda aqui ocorriam e que tinham nesta região um dos seus últimos redutos a nível nacional. Cientes dessa ameaça, a LPN em conjunto com a Câmara Municipal de Castro Verde, a Associação de Agricultores do Campo Branco e o antigo Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza despoletam uma série de iniciativas para assegurar a protecção de tão importantes e emblemáticos voos.

Por um lado, a LPN, que é a Organização Não Governamental de Ambiente mais antiga da Península Ibérica, conseguiu a aquisição dessas áreas que iriam ser florestadas com o apoio do financiamento comunitário do Programa LIFE. Desta forma, cinco propriedades, com cerca de 1700 hectares, são convertidas em Reservas da Biodiversidade pela LPN, onde se mantém desde então uma gestão agrícola favorável à conservação das espécies e se efectuam diversas medidas de gestão do habitat. Para promover a sensibilização ambiental e os valores naturais da região foi inaugurado, em 2000, o Centro de Educação Ambiental do Vale Gonçalves, que funciona como sede local e onde se dinamizam diversas actividades e se implementam vários projectos de conservação da biodiversidade e de investigação, alguns dos quais premiados internacionalmente.

Com base no conhecimento científico obtido estabeleceram-se as bases para os compromissos de uma Medida Agro-Ambiental, financiada pela Política Agrícola Comum, inovadora em toda a Europa: o Plano Zonal de Castro Verde. Esta medida, que se iniciou em 1995, permitiu apoiar os agricultores da região na implementação de medidas adequadas à preservação das espécies (como atrasar ceifas, não efectuar lavouras na época de reprodução, semear leguminosas para a fauna, manter pontos de água, entre outros) e compensá-los por perdas de rendimento ou custos adicionais. O empenho da Associação de Agricultores do Campo Branco e a adesão de centenas de agricultores permitiram que as medidas de gestão do habitat essenciais à conservação das aves se aplicassem em mais de 30 mil hectares em toda a ZPE. Actualmente existe uma nova versão desta Medida Agro-Ambiental, designada como Intervenção Territorial Integrada de Castro Verde, inserida no Programa de Desenvolvimento Rural Português (Proder) que dá continuidade ao trabalho que se iniciou com os agricultores na década de 1990.

O envolvimento das autarquias, ao reconhecerem como importante a preservação deste património, foi também uma peça-chave. A título de exemplo veja-se o exemplo do Plano Director Municipal de Castro Verde que define medidas para a área agrícola, classificada então como Biótopo Corine, e interditou as florestações em terrenos agrícolas.

A investigação científica aplicada a estes ecossistemas semi-áridos tem sido desenvolvida e incentivada desde o início, de forma a fundamentar as decisões de gestão do habitat que são implementadas. Diversas teses de licenciatura, mestrado e doutoramento têm sido efectuadas sobre a conservação das aves estepárias, bem como, projectos de investigação científica. Além das temáticas da Biologia da Conservação, também a Agro-nomia e a Conservação do Solo têm sido objecto de estudo.

A ZPE de Castro Verde acolhe actualmente a maioria dos efectivos populacionais das aves estepárias que

ocorrem em Portugal e, como resultado do trabalho em parceria e das sinergias desenvolvidas, muitas tiveram nos últimos anos aumentos populacionais muito importantes que permitiram evitar a sua extinção no nosso país. Mas o esforço e empenho de todos deve manter-se para que este trabalho com quase duas décadas não se perca e o Campo Branco possa continuar a ser um exemplo mundial para a conservação da biodiversidade.

As boas práticas, que foram testadas e implementadas com sucesso na ZPE de Castro Verde para a conservação das aves estepárias, estão a ser disseminadas e replicadas noutros territórios com habitat pseudo-estepário, tanto em Portugal como noutros países estrangeiros.

Um dos exemplos disso é a disseminação dos resultados obtidos com o Projecto LIFE Peneireiro-das-torres que alargou a intervenção à ZPE do Vale do Guadiana e que “exportou” alguns dos conceitos desenvolvidos especificamente para a recuperação do Peneireiro-das-torres para Espanha e para o Cáucaso (sobretudo para a Arménia).

Neste momento, está a decorrer o projecto LIFE Estepárias que inclui a implementação de medidas de gestão do habitat para aves estepárias na ZPE de Piçarras, Mourão/Moura/Barrancos e Vale do Guadiana, replicando algumas das medidas que foram previamente desenvolvidas na ZPE de Castro Verde. Neste projecto estão também a ser testadas novas abordagens, que envolvem além dos agricultores e proprietários também os gestores de caça para definir boas práticas que favoreçam as aves estepárias, sobretudo a Abetarda, o Sisão e o Peneireiro-das-torres, que funcionam como emblema de conservação deste ecossistema. Problemáticas como a resposta às alterações climáticas e medidas para reduzir o impacte das linhas eléctricas são exemplos dos temas que estão a ser explorados.

* Assessora da Direcção Nacional da Liga para a Protecção da Natureza



Milhares de estudantes formados pela Universidade de Coimbra, espalhados pelo País e pelo Mundo, nas mais diversas áreas da sociedade, reunidos agora na mesma Rede.

Visite-nos em www.uc.pt/antigos-estudantes

Rede UC

Rede de Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra
Gabinete de Comunicação e Identidade
Universidade de Coimbra
Apartado 3020 • 3001-401 Coimbra
antigos-estudantes@uc.pt

A/C Eng. Isabel Gomes • Tlm: +351 96 44 53 222

**REDE
UC**
REDE DE ANTIGOS ESTUDANTES
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

www.coimbraeditora.pt



LIVRARIA FERREIRA BORGES
Rua Ferreira Borges, 77
Coimbra

LIVRARIA AAC-COIMBRA
Rua Padre António Vieira
Edifício AAC
Coimbra

LIVRARIA CHIADO-LISBOA
Rua Nova do Almada, 90
Lisboa

LIVRARIA JURÍDICA - LISBOA
Centro Comercial Arco-418
Av. João Gomes, 6A
Lisboa

LIVRARIA FDL - LISBOA
Faculdade de Direito da
Universidade de Lisboa

LIVRARIA JURÍDICA DO PORTO
Rua Cândido dos Reis, 41
Porto

LIVRARIA FDP - PORTO
Faculdade de Direito da Universidade do Porto



AB VNO AD OMNES

Coimbra Editora

NA
ALMEDINA

70

V
EDITORIA ACTUAL

De Especialistas para Especialistas

ASSINATURA ANUAL DA REVISTA RUA LARGA (4 números)*: Estudantes e Antigos Estudantes da UC: 25€ • Outros: 30€ • Avulso (cada número): 7€(IVA incluído) • Números Anteriores: 7€

Ao assinar a Rua Larga através das Tipologias Adicionais de Relacionamento com a Universidade de Coimbra, para além dos quatro números da revista pode também ter acesso a uma série de benefícios e descontos que a Rede UC lhe proporciona:

T2: Esta Tipologia possibilita aos seus aderentes apoio em áreas diversas, tais como na obtenção de contactos no seio da Rede UC, no recrutamento, ou no acesso a formação pós-graduada. 35€/ano

T3: Permitindo uma maior proximidade no relacionamento com a Universidade de Coimbra, a esta Tipologia acresce a possibilidade de participação directa nas iniciativas oficiais da Universidade, e de apoio personalizado ao estabelecimento de parcerias e colaborações. 60€/ano

Assinaturas através da Rede UC www.uc.pt/antigos-estudantes, ou pela Internet em www.uc.pt/rualarga.

Os preços incluem IVA, e portes de correio nacionais.

* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano, passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.

NOVAS TIPOLOGIAS DE RELACIONAMENTO COM A UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A Universidade de Coimbra promove, dinamiza e apoia o estabelecimento de relações, projectos e parcerias com o mundo exterior, contribuindo para a aproximação e aprendizagem recíprocas.

Nesse sentido, encontram-se definidas diferentes formas de relacionamento, incluindo a utilização de marcas próprias, onde se incluem as seguintes:



Parceiro: As entidades Parceiras ligam-se umbilicalmente à Universidade de Coimbra através de uma relação mutuamente aprofundada, desenvolvendo em conjunto projectos diversificados, de dimensão e impacto significativos.



Aliado: As entidades Aliadas assumem uma relação de proximidade com a Universidade de Coimbra, que as apoia e acompanha em diferentes iniciativas e na resolução de problemas específicos.

Mais informações em www.uc.pt/gats



prémio

UNIVERSIDADE
DE COIMBRA

PATROCÍNIO DO BANCO SANTANDER-TOTTA
APOIO DO JORNAL DE NOTÍCIAS
EDIÇÃO DE 2011



DESTINATÁRIO DO PRÉMIO > PERSONALIDADE DE NACIONALIDADE PORTUGUESA QUE SE TENHA DISTINGUIDO
POR UMA INTERVENÇÃO PARTICULARMENTE RELEVANTE E INOVADORA NAS ÁREAS DA CULTURA OU DA CIÊNCIA
VALOR DO PRÉMIO > 25 000 EUROS
APRESENTAÇÃO DAS CANDIDATURAS > ATÉ 19 DE NOVEMBRO DE 2010
MAIS INFORMAÇÕES > www.uc.pt/cultura



Santander Totta

